

## Detalhes (e “coincidências”) das invasões do Estados Unidos no século XXI: Guerra Híbrida na América Latina

Details (and “coincidences”) of US invasions in the 21st century: Hybrid Warfare in Latin America

Recebido: 09/09/2022 | Revisado: 25/09/2022 | Aceitado: 26/09/2022 | Publicado: 28/09/2022

**Roberto Mauro da Silva Fernandes**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8827-365X>

Universidade Federal de Alfenas, Brasil

E-mail: robertomauro.fernandes@hotmail.com

### Resumo

A partir dos anos 2000 os Estados Unidos passaram a aplicar um novo tipo de guerra, a Guerra Híbrida. Ela é possível, pois a estrutura democrática é manipulada para possibilitar os eventos de guerra. No novo modelo, dois instrumentos servem para invadir, conquistar e controlar territórios de outros Estados considerados inimigos: 1) as “revoluções coloridas” e as 2) guerras não convencionais. Assim, nosso objetivo é refletir sobre como os Estados Unidos atacaram diferentes territórios na América Latina utilizando seus mecanismos de Guerra Híbrida. Para tal, foi realizada pesquisa bibliográfica e utilizado fontes digitais, além de teoria de Andrew Korybko.

**Palavras-chave:** Guerra Híbrida; Democracia; Golpes de Estado; América Latina.

### Abstract

Starting in the 2000s, the United States began to apply a new type of warfare, the Hybrid Warfare. It is possible because the democratic structure is manipulated to make war events possible. In the new model, two instruments serve to invade, conquer and control territories of other states considered enemies: 1) the “color revolutions” and 2) unconventional wars. Thus, our objective is to reflect on how the United States attacked different territories in Latin America using its Hybrid Warfare mechanisms. To this end, we carried out bibliographic research and searched for digital sources, as well as relying on Andrew Korybko's theory.

**Keywords:** Hybrid Warfare; Democracy; Coup d'etat, Latin America.

## 1. Introdução

Segundo Korybko (2015), a Guerra Híbrida é o novo modelo de guerra realizada pelos Estados Unidos no século XXI; na escola americana de Guerra Híbrida há a combinação de dois instrumentos que servem para invadir, conquistar e controlar territórios de outros Estados considerados inimigos: 1) as “revoluções coloridas” e as 2) guerras não convencionais<sup>1</sup>. São abordagens indiretas de promoção de conflitos.

Embora sejam procedimentos criados para promover ações ao entorno da fronteira russa, há vários elementos que mostram a aplicação dos instrumentos de Guerra Híbrida estadunidense em outras partes do planeta, na América Latina, por exemplo, há vários indícios de que tais táticas de abordagem indiretas foram e estão sendo utilizadas (Leirner, 2020; Fagundes, 2020; André, 2020; Souza, 2020; Escobar, 2016; Engdahl, 2020).

Logo, neste artigo, não vamos refletir sobre como os Estados Unidos atacou diferentes territórios alvos na América Latina utilizando seus instrumentos de Guerra Híbrida; em alguns territórios foram necessárias somente as “revoluções coloridas” em outros a invasão progrediu para o estágio de guerra não convencional. Vamos analisar quatro casos: Brasil, Bolívia, Venezuela e Nicarágua.

Trata-se de um debate polêmico, pois apresenta-se casos que em um primeiro momento aparentam golpes de Estado, eventos que alguns autores estão nomeando de neogolpismo (Silva, 2018; Vitullo & Silva, 2020), visto que nos últimos treze

anos algumas mudanças de regime ocorreram, em especial, comandadas pelo parlamento, com base nos procedimentos legais e através de processos de *impeachment*; no entanto, tais análises averiguam somente aspectos domésticos e da cena política.

Na opinião deste autor, a América Latina está sob ataque; vamos demonstrar que alguns golpes de Estado na realidade aconteceram em decorrência de estratégias e técnicas de Guerra Híbrida norte-americana, processos que transcendem os atores domésticos, bem como vamos demonstrar que são processos que estavam sendo articulados (por diversos setores e sujeitos domésticos e externos) anos antes dos *impeachments* forjados pelas elites políticas, ou seja, dos episódios que geralmente são denominados de neogolpes ou golpes parlamentares; os golpes que aqui vamos discutir na realidade são invasões, pois em todos os casos existem “coincidências” e dois elementos sempre estiveram presentes: a “revolução colorida” e a guerra não convencional.

Desta Maneira, além desta introdução, este debate está dividido em mais quatro seções. Na segunda, será apresentada a metodologia utilizada para realizar a discussão; na terceira seção, vamos apresentar alguns dos pontos centrais das chamadas “revoluções coloridas” e guerra não convencional. O quarto segmento do debate ficou circunscrito aos casos do fenômeno na América Latina, aqui dividimos as discussões em três subseções, na primeira vamos refletir sobre o ataque estadunidense ao Brasil, a segunda está reservada para os casos da Bolívia e Venezuela, a terceira subseção está reservada as etapas de Guerra Híbrida na Nicarágua. Em cada um desses casos foram percebidas características em comum, mas como são resultados de processos adaptativos, também existiram singularidades devido as características societais. A quinta parte foi reservada para as nossas considerações finais.

## 2. Metodologia

Para atingir o objetivo, realizamos uma pesquisa exploratória, pois permite uma visão geral e a ampliação do conhecimento acerca de determinado fato, o que proporciona elaboração mais acertada do problema e possibilita criar outras perspectivas visando pesquisa mais estruturada futuramente; também utilizamos o método comparativo, fundamental para apontar aspectos singulares e semelhantes nos fenômenos (Gil, 1999), neste caso, de suma importância para apresentarmos como as táticas de Guerra Híbrida aplicadas nos territórios Latino-Americanos analisados. Além disso, adotamos a abordagem hipotético-dedutiva, fundamental para testar “a predição da ocorrência de fenômenos abrangidos pela hipótese” (Marconi e Lakatos, 2003, p. 106), assim foi possível apresentar as origens dos fenômenos e observando as lacunas em alguns fatos, conjecturar e formular hipóteses

Quanto a técnica de coleta de dados, utilizamos fontes secundárias, isto é, recorremos a livros, trabalhos acadêmicos e artigos científicos na área de relações internacionais, geopolítica, ciência política e economia internacional, ademais acessamos o ciberespaço (Lévy, 2000), explorando a internet, em especial periódicos on-line e documentários, entrevistas e reportagens encontrados em plataformas de compartilhamento de vídeos.

A teoria que sustenta o nosso debate é a de Andrew Korybko. Para o autor, a Guerra Híbrida é implantada no território alvo por meio de uma “revolução colorida”, cujo escopo é desestabilizar os cinco anéis demográficos do Estado que está sendo atacado: 1) a população, 2) mídia, 3) Elites, 4) Forças Armadas/Polícia e, 5) liderança. A intenção é derrubar o governo (liderança), ou seja, atingir o anel interno, deste modo, a primeira etapa consiste em unir a população em torno de uma causa e manipulá-la através de protestos contra o governo, a massa deve ocupar as ruas e chamar a atenção da mídia que vai disseminar o discurso de que se trata de uma revolta espontânea; geralmente alguns grupos de mídia já sabem da falsa “revolução”, quando é acionada a narrativa já está pronta e os outros grupos da imprensa (que não estão envolvidos) aderem ao discurso; assim o caos instalado e o discurso da imprensa chegam as elites (terceiro anel), dependendo da pauta e do grau de envolvimento de alguns de seus segmentos influenciam cada vez mais os protestos, apoiando ou concordando com os manifestantes, as Elites (em especial, as político-partidárias) geralmente acionam as forças de segurança (forças armadas e

polícia); ao se encaminharem para defender o núcleo consolidam a armação do cenário para a guerra não convencional (Korybko, 2015).

Caso a “revolução colorida” não consiga depor o governo alvo, o procedimento operacional seguinte é colocar em prática o golpe rígido, desta maneira uma guerra não convencional é instalada. Korybko (2015) define guerra não convencional como:

Qualquer tipo de força não convencional (isto é, grupos armados não oficiais) envolvida em um combate largamente assimétrico contra um adversário tradicional ... qualquer forma não convencional de guerra, incluindo guerrilha, insurreição urbana, sabotagem e terrorismo (guerra irregular). Ela inclui especificamente combatentes não convencionais, tais como mercenários e outros atores desvinculados do Estado ... Ela não é composta por tanques, soldados e linhas de batalha bem definidas, o que faz dela extremamente não linear e caótica, e, geralmente, ataca o inimigo de maneira indireta (Korybko, 2015, p. 15).

O autor ainda explica que as ações e sujeitos supracitados somente entram em ação como continuação de um conflito já existente, a “revolução” fabricada, nesse caso, as “revoluções coloridas”, o escopo da guerra não convencional é auxiliar o movimento “democrático” na derrubada do governo. Tanto as “revoluções coloridas” quanto as guerras não convencionais são métodos de abordagem indireta, ou seja, o agente externo não precisa participar diretamente do processo, utiliza outros sujeitos na conjuntura instalada.

A guerra não convencional, um instrumento que possibilita a troca de regime indireta, é utilizada pelos Estados Unidos contra Estados nos quais não podem intervir diretamente, seja por motivos militares, políticos, por regras do sistema internacional, etc., além do mais, é mais viável economicamente; os gastos com as operações militares são menores em relação a utilização das forças armadas convencionais, mas a guerra não convencional proporciona uma vantagem política, como se trata de uma abordagem que faz uso de outros sujeitos, os estadunidenses podem ser absolvidos de culpabilidade direta de qualquer tipo de ação, inclusive de crimes de guerra (Korybko, 2015).

Desta maneira, a guerra não convencional como estágio seguinte a implantação da “revolução colorida” subverte a fronteira entre o âmbito cível e militar, não apenas porque ela é produzida a partir de um movimento tipicamente civil, mas especialmente porque instrumentaliza atores não vinculados necessariamente ao Estado, além das manifestações e protestos contra o governo, é comum a ação de grupos terroristas e mercenários. Tanto na Síria, a partir de 2011, quanto na Ucrânia em 2014, essa rede foi utilizada (Korybko, 2015).

### **3. Resultados e Discussão**

#### **3.1 Guerra Híbrida: detalhes e “coincidências” das invasões**

A etapa inicial da invasão estadunidense por meio de Guerra Híbrida ocorre através de um golpe brando no Estado alvo, o processo conhecido como “revolução colorida”. As “revoluções coloridas” são mobilizações populares instrumentalizadas por uma série de atores (domésticos e externos) a partir do uso das instituições formais, em especial, das instituições democráticas; por trás delas há uma rede internacional na qual os articuladores se infiltram nos territórios e fazem uso de ONGs, organizações filantrópicas e de ajuda humanitária, compram partidos políticos e o sistema judiciário, utilizam-se de propaganda e operações psicológicas combinadas com o uso das redes sociais, além de outras articulações que ocorrem nos bastidores; as manifestações são apenas a “ponta do iceberg” (Sussman & Krader, 2008; Engdahl, 2009; Fagundes, 2020; Fernandes, 2022). Como afirma Korybko (2015), as “revoluções coloridas” são golpes brandos, a primeira fase da ofensiva. As manifestações têm em comum a utilização de táticas não violentas (Sharp, 2010), técnicas de enxame (grupos que se movimentam em “células”, como enxames de abelha) e a utilização de tecnologias de informação que permitem aos invasores atuarem em rede (Engdahl, 2009).

As “revoluções coloridas” foram assim denominadas, pois os manifestantes utilizam símbolos padronizados, nos protestos as pessoas carregam cartazes com pautas genéricas (o que passa a impressão de que os protestos são supraclassistas, a pauta mais recorrente está relacionada ao fim da corrupção), em determinados estágios das “revoluções coloridas” as ações evitam confrontos com as forças de segurança; nessas fases os participantes realizam atos e performances que passam ao público em geral que não há violência nas manifestações, daí o nome “colorida”; o objetivo neste momento é chamar a atenção de diferentes segmentos da população, manipulando os elementos já disseminados nas Operações Psicológicas que antecederam as manifestações (Fernandes, 2022).

Ademais, há a etapa na qual durante os protestos serão inseridas as técnicas que vão possibilitar a progressão para a futura guerra não convencional, nesta fase entra em cena o elemento da “vítima sagrada”; esta técnica está associada ao *método da traição*; o pensamento é simples, os articuladores das manifestações precisam de um motivo para iniciar o enfrentamento mais incisivo, geralmente ocorre uma tragédia com um simpatizante ou membro do movimento, provocada pelos próprios agentes que implantaram a revolução colorida (Stone, 2016).

A técnica de mitificação da “vítima sagrada” é importante para manter a “revolução colorida” viva e a manipulação sobre os simpatizantes em torno da causa. É difícil conduzir os protestos meses a fio, as pessoas se cansam, as tensões diminuem, as manifestações podem coincidir com feriados e invernos rigorosos, por isso os articuladores das “revoluções coloridas” criam uma infraestrutura com shows, eventos culturais e a ocupação de um lugar simbólico sempre tem um ar acolhedor (Korybko, 2015; Stone, 2016; Fernandes, 2022). Assim, quando os ânimos arrefecem é preciso criar um discurso em torno de uma “vítima sagrada” para manter as manifestações ativas e progredir para as fases seguintes.

Na Revolução dos Cedros, no Líbano em 2005, a “vítima sagrada” foi Rafik Hariri, o político foi assassinado e as narrativas acerca de sua morte ampliaram as manifestações; Viktor Yushchenko em 2004 na Ucrânia assumiu esse papel, depois que foi envenenado; a história veiculada foi de que os russos foram os responsáveis, assim a “Revolução Laranja” ganhou força ajudando-o a vencer as eleições (Stone, 2016).

No Brasil, o então candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro foi esfaqueado durante a campanha eleitoral de 2018; nós interpretamos o episódio como uma tentativa de transformá-lo numa “vítima sagrada” para sensibilizar os eleitores; chegamos a essa conclusão, pois ao entorno do evento há muitas suspeições; em especial no que tange aos processos de investigação conduzidos pelas autoridades, motivações e origem do agressor (Estadão, 2019), bem como o episódio também serviu para criar a narrativa de que a esquerda no Brasil tentou assassiná-lo, nesse caso, os discursos foram proferidos pelos setores que apoiavam o então candidato (Gilberto, 2019; Tv 247, 2021); mas também porque a instrumentalização do acontecido, por parte dos sujeitos que subsidiavam a campanha de Bolsonaro, está muito próxima das estratégias de cismogênese (Bateson, 1936), isto é, estratégias de polarizações criadas e controladas. As *fakes news* e a cismogênese foram utilizadas durante a campanha do então candidato e são parte das estratégias de Guerra Híbrida instalada no Brasil pelos seus apoiadores (Leirner, 2020).

Na Ucrânia em 2013/14 um evento ocorrido em torno do Euromaidan (praça ocupada por manifestantes de oposição ao presidente) mudou os rumos da “revolução colorida” instalada no país. No dia 30/11/2013, membros do Pravy Sektor, muito bem treinados, se infiltraram no meio de grupos de manifestantes que se encontravam no Euromaidan e iniciaram um conjunto de provocações e agressões a polícia, que reagiu. No entanto, a imprensa não divulgou a parte que cabe ao grupo neonazista; foi veiculado que os policiais usaram da violência para dispersar os manifestantes para que a prefeitura de Kiev pudesse instalar uma árvore de natal (Stone, 2016).

Vitaliy Zakharchenko (Ministro do Interior e Chefe de polícia nacional) aponta que o Chefe de gabinete da prefeitura de Kiev, Sherhiy Lyovochkin, em conjunto com o líder opositor Arseniy Yatsenyuk articularam o evento. Lyovochkin autorizou a instalação da árvore de natal, mesmo depois de informado por Zakharchenko que não seria possível; a permissão

foi dada porque a imprensa estava no Maidan, a ação foi combinada com os membros do Pravy Sektor, que sob as ordens de Yatsenyuk se infiltraram entre os manifestantes pacíficos e iniciaram provocações aos policiais para que a reação das forças de segurança fossem registradas pela imprensa (Stone, 2016).

No dia 30/11/2013, os manifestantes pacíficos transformaram-se nas primeiras “vítimas sagradas” da Guerra Híbrida ucraniana, os membros do Pravy Sektor provocaram a polícia, mas quem de fato sofreu as retaliações foram sujeitos que não sabiam da articulação. Desta forma, a população sensibilizada com o evento aderiu com mais força as manifestações, é preciso informar que os protestos estavam perdendo fôlego, o serviço secreto ucraniano já havia informado ao Ministro do Interior que a tendência era de que os atos contra o governo arrefecessem, logo, não havia motivos para reação violenta do Estado, no entanto, a articulação do dia 30 de novembro reacendeu os ânimos e as práticas dos grupos de extrema direita passaram a ser legitimados (Stone, 2016).

As “revoluções coloridas”, são ativadas a partir de um evento chave, o “acontecimento”, este evento pode ser criado ou aproveitado pelos articuladores que já estão atuando no território do Estado alvo, não importa se são verdadeiros ou falsos, trata-se do gatilho. Portanto, o “acontecimento” pode ser uma fraude eleitoral, prisão de um líder, aprovação ou veto de lei, declaração polêmica, sanções governamentais e outros (Korybko, 2015); qualquer episódio que possa ser utilizado pelos invasores para pôr em prática a infraestrutura operacional. Na Geórgia em 2003 e na Ucrânia no ano de 2004, o “acontecimento” teve início quando observadores e organizações internacionais realizaram denúncias sobre fraudes nas eleições.

No caso da Geórgia, os protestos da “revolução colorida” foram iniciados no outono de 2003, as denúncias de fraude levaram a renúncia do presidente Eduard Shevardnadze e o agendamento de novas eleições, a partir desse momento uma grande movimentação para monitorar o novo processo eleitoral passou a ocorrer; ONGs e o kmara (movimentos de oposição que lutavam contra o governo e que foram treinados pela Otpor) realizaram o monitoramento da votação e apuração paralela no pleito (Ortega, 2009; Engdahl, 2009).

A Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento (USAID), na ocasião, gastou 1,5 milhão de dólares para computadorizar o sistema de apuração de votos; bem como os EUA investiram pesado para enviar observadores da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) para acompanhar o pleito, além disso, meses antes da eleição, o presidente George Bush enviou à Geórgia James Baker, Secretário de Estado, que entregou uma carta de Bush a Shevardnadz enfatizando a necessidade de eleições livres; enquanto isso, grupos como o Kmara realizavam protestos contra a base governista (Fairbanks, 2004).

O vencedor do pleito foi Shevardnadz, mas a OSCE apontou fraude; as manifestações “populares” intensificaram-se, em meio aos protestos o governo estadunidense emitiu uma nota informando que estava decepcionado com as fraudes nas eleições; o líder da oposição Mikhail Saakashvili (candidato pró-Estados Unidos) intensificou o discurso de irregularidades, suas falas e atos públicos insuflavam as multidões (a “revolução rosa”), o clima de tensão levou o presidente eleito a renunciar, novas eleições foram marcadas e Saakashvili saiu vencedor (Ortega, 2009).

Na Ucrânia, em 2004, o processo foi parecido, Viktor Yushchenko, o candidato pró-Estados Unidos, venceu o primeiro turno, no segundo turno das eleições, Viktor Ianukovich, candidato do presidente Leonid Kuchma saiu vitorioso com uma margem de menos de 3%, no dia seguinte a OSCE reportou que houvera fraude, nesse contexto o movimento *Pora* (“É tempo”) – também treinado pela Otpor e pelo Kmara – iniciou uma série de manifestações, conhecida como “revolução laranja” (Engdahl, 2009).

Mediante as pressões, a Suprema Corte da Ucrânia decidiu anular as eleições e realizar um novo segundo turno, nas novas eleições saiu vencedor Yushchenko, mas o detalhe interessante está na participação dos Estados Unidos no processo (Kuzio, 2005); meses antes das eleições o Senado Americano aprovou resoluções dando permissão ao presidente Bush a

advertir o governo ucraniano em caso de fraude eleitoral, assim como autorizava o governo estadunidense a tomar medidas contra os sujeitos envolvidos nas fraudes; ademais, Richard Lugar, a pedido do presidente, foi à Ucrânia para monitorar pessoalmente o segundo turno das eleições e levar uma carta a Kuchma alertando sobre as consequências negativas para o governo ucraniano caso o resultado fosse adulterado; o senador foi outro observador que apontou irregularidades nas eleições (Ortega, 2009).

Coincidência? Ou os Estados Unidos cumpriram um protocolo? Andrew Korybko (2015) explica que as adesões às manifestações ocorrem porque diferentes segmentos sociais previamente já estavam sendo preparadas por Operações Psicológicas, através das mídias sociais, da grande imprensa (que na maioria das “revoluções coloridas” estão envolvidas no processo), de filmes, propagandas televisivas, músicas, aplicativos de comunicação, como whatsapp e twitter, eficientes na propagação de *fakes news*, etc.; assim a demografia-alvo vai sendo sensibilizada acerca de determinados temas e quando o “vírus” (o “acontecimento”) é lançado, a população começa aderir ao movimento “espontaneamente” e a “revolução colorida” é instalada. O objetivo dela é derrubar o governo e proporcionar a união de diferentes segmentos sociais.

Para impactar o consciente coletivo e causar impacto na comunidade internacional são utilizadas técnicas de formação de enxames de manifestantes. A *técnica de enxame* consiste em manipular aglomerações e progressões das manifestações em bloco, os líderes treinados e infiltrados nas multidões conduzem a massa em movimentos em rede, as unidades operacionais (“células” de manifestantes) avançam ocupando os espaços de forma estruturada e programada, como se fossem enxames de abelhas e dando a impressão de serem algo amorfo, cria-se uma mente de colmeia. Tais progressões são oriundas de métodos de guerra em rede, cujas unidades militares se movimentam no teatro de operações em unidades pequenas e interconectadas, proferindo ataques de todos os lados, a intenção é confundir o inimigo, fazê-lo pensar que são vários ataques (Arquilla & Ronfeldt, 2000; 2000; Engdahl, 2009).

A técnica de enxame é combinada ao uso das tecnologias de informação e dos métodos não violentos de Gene Sharp. Destaca Korybko (2015) que o Google Maps, YouTube, Facebook e Twitter, aplicativos disponíveis em celulares modernos, são utilizados em conjunto para convocar os manifestantes e auxiliar na formação e operacionalização dos enxames. As plataformas de comunicação têm como escopo “viralizar” as manifestações e gerar engajamento internacional, as tecnologias interligam as gentes em rede.

Na Sérvia, em 2000, foram pela primeira vez combinadas as técnicas de enxame e tecnologias de informação, houve a utilização das ‘chat rooms’, blogs e mensagens instantâneas através de celulares e textos de SMS (Engdahl, 2009). Nas manifestações do Egito e Tunísia, o Twitter teve papel fundamental, os organizadores fizeram uso das *hashtags* #algeria, #egypt, #feb14, #morocco, #sidibouze #yemen e conseguiram dar um caráter transnacional aos protestos, os manifestantes eram convocados de outros países, processo que ampliou os fluxos de compartilhamento de informações a respeito dos atos nas redes sociais, assim como ampliou a repercussão internacional dos movimentos (Bartkowiak *et. al.*, 2017).

Desta forma, independentemente de qual país estivesse, a pessoa adepta a narrativa que justificava a eclosão da “revolução colorida” realizava a convocação de outros adeptos para comporem os grupos de manifestantes, de igual modo, a utilização das redes sociais chamava atenção dos atores do ocidente; segundo korybko (2015), chamar a atenção da comunidade internacional é fundamental, assim são criados os consensos para a realização das ações dos agentes externos contra as soberanias dos territórios sobre ataque das “revoluções coloridas”.

No Brasil, o Facebook serviu para organizar, combinar as ações e difundir os locais e as manifestações (Fidelis & Lopes, 2015), dois recursos do Facebook foram de suma importância: os eventos e os grupos; os primeiros, além de servir para convocar, são as ferramentas centrais para divulgação das imagens, vídeos e *sites* que versam sobre as ações de manifestação; nos grupos ocorre a manutenção dos ambientes permanentes de interação e engajamento da causa em comum:

... as manifestações que tomaram as ruas de centenas de cidades brasileiras durante o mês de junho de 2013 ... foram coordenadas, majoritariamente, por meio da criação de eventos no Facebook, e dos grupos – que funcionam como ponto de encontro para os cidadãos mais engajados, interessados em acompanhar a organização coletiva dos movimentos, compartilhar informações e discutir as ações conduzidas online e offline (Rossini, 2014, p. 315).

Deste modo, além da organização e convocação das manifestações, a rede social também possibilita a realização do debate sobre a narrativa que fomenta o protesto, permite ativismo virtual, o que é fundamental para atingir o consciente coletivo e criar a mente de colmeia das “revoluções coloridas”.

Na Bolívia, após as denúncias de fraude eleitoral, houve a insurgência de policiais e militares que transmitiram suas ações pelas redes sociais, para convocar outros atos de sublevação contra o governo, ademais, mais de 68 mil contas falsas do Twitter foram criadas na semana do golpe e nos dias posteriores para disseminar informações falsas contra os governos, inclusive, mais da metade das dessas contas apareciam como seguidores dos líderes golpistas. Além disso: “Os robôs do Twitter ainda promoveram 14 campanhas contra Evo e negando o golpe, como #NoFueGolpeFueFraude ... tanto no Twitter quanto no Facebook, se difundiram massivamente as *fakes news* de que Morales teria relações com o narcotráfico, reproduzida por parlamentares da oposição venezuelana” (Penido & Stédile, 2021, p. 94).

Os enxames e a utilização das tecnologias de informação/redes sociais são combinados aos métodos não violentos criados por Gene Sharp. Korybko (2015) afirma que os livros do mencionado autor se tornaram manuais das “revoluções coloridas”. Sharp (2003) sugere a utilização de *slogans*, caricaturas, símbolos, operar gravações, emissoras de rádio, televisão e vídeo; estas táticas são parte do que ele denomina de “Comunicação com o público mais vasto”, estes métodos são potencializados com uso das redes sociais; um outro grupo de ações é denominado pelo autor de “Intervenção Física” e consistem na concentração de pessoas do movimento em lugar simbólico, incursões não violentas (com panfletos ou alimentos), invasões, obstruções e ocupações.

Tais técnicas puderam ser percebidas no Euromaidan na Ucrânia em 2014, na praça Tahrir no Egito, no ano de 2011 e nas universidades da Nicarágua em 2018, no mais, os métodos foram utilizados nas “revoluções coloridas” da Sérvia, Geórgia, Quirguistão, Ucrânia, no Egito, na Líbia, Tunísia e nas tentativas na Venezuela e Cuba (Sussman & Krader, 2008; Engdahl, 2009; Ortega, 2009; Fagundes, 2020); os grupos que lideraram as sublevações admitem publicamente que entraram em contato com os livros.

Há também registros de métodos violentos, em meio aos protestos pacíficos, há registros na Venezuela, na Nicarágua, no Egito e no Brasil, geralmente, são grupos mais radicais e de extrema direita que iniciam os distúrbios em meio às manifestações pacíficas (no caso de “revoluções” plantadas em Estados com estrutura democrática), quando tais episódios ocorrem é porque há tentativa de progressão para a guerra não convencional (Fernandes, 2022).

O modelo é adaptado pelos invasores de acordo com as características societais do Estado que está sendo atacado; os invasores levam em consideração aspectos demográficos/sociais, em alguns casos, somente com a aplicação das “revoluções coloridas” o regime pode ser derrubado; em outros casos, é necessária a operacionalização da segunda fase, a guerra não convencional; esta etapa possui mais outras três sub etapas, a) a “fase incipiente”, 2) a “guerra de guerrilha” e 3) a “guerra de movimento”.

Na primeira sub etapa, a estrutura clandestina de apoio a invasão é montada, em especial a infraestrutura de informação e de operações militares e psicológicas, esta fase se confunde com os protestos da “revolução colorida”, em especial, para averiguar como será a reação da população na aplicação dos métodos violentos em meio as manifestações (Korybko, 2015). É preciso destacar que tanto as “revoluções coloridas” quanto a fase incipiente podem demorar anos para serem preparadas e instaladas, a título de exemplo, na Sérvia em 2000, a preparação das ONGs contra o governo, a cooptação

da oposição, o financiamento da mídia oposicionista ao presidente, o treinamento da *Otpor*<sup>2</sup> por agentes estadunidenses foi iniciado quatro anos antes das “manifestações populares” que derrubaram Slobodan Milosević (Fernandes, 2022).

Na “guerra de guerrilha”, um estado de caos é estruturado, se esta fase foi iniciada é porque os primeiros enfrentamentos de manifestantes com as forças de segurança permitiram a progressão para a naturalização das táticas paramilitares de guerrilha, terrorismo, sabotagem e *fake news*<sup>3</sup>, é o momento da insurreição. A “guerra de movimento” é a fase final, o processo de tomada do poder, de destituição do governo através da ofensiva militar; ela pode não acontecer caso o sistema de governo (geralmente através do parlamento) promova a deposição do chefe do executivo, no entanto, caso seja operacionalizada e fracasse, pode ocorrer o retorno para a fase de “guerra de guerrilha” (Korybko, 2015). Em outras palavras, a guerra não convencional é o golpe rígido.

Ademais, é preciso dizer que a Guerra Híbrida, em seus dois estágios, tem como armas o uso das redes sociais (guerra em rede) e da formação de enxames, tanto para as ações de caráter militar quanto para a realização de protestos no contexto urbano (Korybko, 2015). Se as “revoluções coloridas” tem nos livros de Gene Sharp seus manuais de campo, o documento – produzido pelo exército do Estados Unidos – “Forças especiais da guerra não convencional” [Special Forces Unconventional Warfare] é o material teórico que detalha o “passo a passo” para a instalação e aplicação da guerra não convencional por parte dos agentes estadunidenses, o documento é também conhecido como “TC 18-01”.

De acordo com Andrew Korybko, o manual indica como realizar operações psicológicas no ambiente operacional, tal qual moldar a maneira da população perceber uma dada conjuntura para que apoie os objetivos da guerra não convencional; detalha como colocar em prática as fases: insipiente, de guerrilha e de movimento. De igual modo, o “TC 18-01” aponta que:

... há duas formas de guerra não convencional: uma em que os EUA esperam a hora certa para intervir oficialmente (“cenário de guerra geral”) e outra em que isso é improvável (“cenário de guerra limitada”) [...] Os cenários de guerra geral são conduzidos com vistas a preparar o campo de batalha para uma intervenção convencional dos EUA ou divergir as forças inimigas, ao passo que o cenário de guerra limitada sabe das restrições institucionais e busca tão somente pressionar um adversário em vários níveis (até a troca de regime) (Korybko, 2015, pp. 83-84).

Os conselhos táticos do TC 18-01 foram utilizados na crise da Síria, a partir de 2011, bem como na Ucrânia entre novembro de 2013 e fevereiro de 2014; além disso, na Síria houve um “cenário guerra geral”, ao passo que o “cenário de guerra limitada” foi aplicado na Ucrânia. Para Korybko (2015), a Guerra Híbrida é mecanismo fundamental na estratégia de “liderança velada” dos Estados Unidos em relação as áreas que consideram estratégias, passou a ser adotada em consequência da formação de uma ordem multipolar e com o reaparecimento da Rússia no cenário internacional; a estratégia consiste em dar assistência militar indireta, ao invés de utilizar as forças armadas regulares:

Ela conta com o uso de aliados/“líderes” regionais na qualidade de procuradores para favorecer os objetivos geoestratégicos e geopolíticos dos EUA através de medidas assimétricas de guerra de quarta geração [guerra não convencional] [...] Estratégias convencionais para a troca (forçada) de regimes (Panamá, Afeganistão, Iraque) foram possíveis em um mundo unipolar, mas com o momento unipolar desvanecendo, os EUA se veem obrigados a reviver o modelo de liderança velada com que flertaram pela primeira vez durante a guerra Soviético-Afegã. O primeiro indício oficial de que os EUA estavam caminhando para essa estratégia foi o comportamento durante a guerra do Líbano de 2011, a primeira vez na história em que a alcunha “liderança velada” foi usada (Korybko, 2015, pp. 37-38).

Dessa forma, os EUA agem (lideram) por trás do palco, fabricando a desestabilização com uso dos seus aliados no Estado alvo para concretizar a invasão, ademais, na estratégia é importante que um governo pró-Estados Unidos seja fronteiro com o Estado que está sob o ataque por meio da “revolução colorida” e/ou guerra não convencional, servindo de base logística para as ações, de igual modo pode atuar fazendo pressão diplomática (no caso da Síria, em 2011-2020, a Jordânia e Turquia cumpriram esse papel, na Ucrânia, em 2013/2014, foi a Polônia).

A Guerra Híbrida norte-americana, portanto, trabalha com abordagens indiretas (“revoluções coloridas” e/ou guerras não convencionais), o Pentágono passou a instrumentalizar tais processos para desestabilizar os territórios que estão na fronteira com Rússia, assim podem utilizar os Estados conquistados para atingir o território russo através de campanhas de sabotagem geopolítica apoiadas de fora. Como diz Korybko (2015), a novidade da abordagem é que [...] “não precisa derrubar um governo em si para dar certo – precisa tão somente fazer com que a sociedade se divida, e a incerteza em larga escala, arauto do caos social, faz o resto” (p. 27).

#### 4. Invasões e Ocupações na América Latina

##### a) Brasil: “coincidências” de uma invasão

No Brasil, no ano de 2013, diversos segmentos da sociedade foram para as ruas após os protestos do Movimento Passe Livre (MPL), Assembleia Nacional do Estudantes (ANEL) e alguns coletivos anarquistas contra o aumento da tarifa de ônibus no município de São Paulo (era uma pauta local que, a *priori*, não reverberava diretamente em outras cidades brasileiras), esses grupos com espectro mais à esquerda conduziram os protestos entre 6 a 11 de junho, depois disso as manifestações ganharam outras proporções (André, 2020); as ações iniciais do MPL, ANEL e dos coletivos anarquistas foram o estopim para a aplicação de uma “revolução colorida” no Brasil (Engdahl, 2016).

Jessé de Souza (2020) também afirma que as “jornadas de junho”, em 2013, devem ser caracterizadas como “revolução colorida” aos moldes da Guerra Híbrida americana, de acordo com o autor, as manifestações de 2013 foram o mote para as interferências do poder judiciário na política brasileira, por meio de ações da Operação Lava Jato<sup>4</sup> e dos julgamentos parciais de juízes como o Sérgio Moro. É preciso também dizer que já no primeiro mandato do presidente Lula, alguns setores das forças armadas passaram a se aproximar do poder judiciário, relação que ganhou força com o “Mensalão” (Leirner, 2020) e que depois veio a público quando Sérgio Moro foi convidado para fazer parte do governo Bolsonaro.

Em maio de 2013, o vice-presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, veio ao Brasil para conversar com a presidenta Dilma Rousseff acerca do marco regulatório do petróleo que estabelecia a Petrobras como a única operadora dos campos do Pré-Sal e com participação de no mínimo de 30% (Lei 12.351/2012), diminuindo a participação das empresas estrangeiras (em especial das estadunidenses) na exploração das novas jazidas. Os lucros do Pré-Sal poderiam financiar os projetos nacionais, o que significava diminuir a dependência e influência norte-americana no Brasil, aparentemente, o projeto nacional brasileiro incomodava o governo americano (Escobar, 2016), bem como a intenção era “pressionar” o Brasil no que dizia respeito a participação chinesa no processo de exploração do petróleo nas novas reservas; no mês seguinte, menos de duas semanas depois da visita, os protestos contra o governo Dilma explodiram em todo o país (Engdahl, 2016).

Seria outra coincidência? Na Geórgia (2003) e Ucrânia (2004) os procedimentos foram parecidos, um representante do Estado americano foi dialogar com o presidente, o candidato da situação venceu, fraude eleitoral foi declarada, houve uma “revolução colorida”, novas eleições e o candidato pró-Estados Unidos saiu vitorioso.

No caso brasileiro, as manifestações de junho de 2013 possibilitaram a queda da popularidade da presidenta Dilma Rousseff, que era de um pouco mais de 70% até junho (Engdahl, 2016), o processo aprofundou os cismas internos entre o Governo e alguns setores das elites, além disso, o Brasil já sofria os efeitos econômicos da crise financeira mundial e do fim do ciclo do *boom* das *commodities* (Fernandes, 2019); é neste contexto que a presidenta disputou as eleições presidenciais e se sagrou vencedora em 2014, a diferença de votos foi muito pequena entre ela e o segundo colocado, logo após o resultado, o candidato derrotado Aécio Neves declarou que houve fraudes nas eleições. Seria outra coincidência?

Concomitante aos processos na cena política, a Polícia Federal, por meio da Operação Lava Jato já investigava as principais empresas de capital nacional e que apoiavam o governo do Partido dos Trabalhadores (PT). Ademais, nesse contexto a Petrobras era alvo de operações de espionagem da Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos (NSA). O debate veio

à luz por meio do repórter do jornal britânico *The Guardian*, Glen Greenwald, que em maio de 2013 revelou uma série de documentos sobre grampos na estatal brasileira e em operações de monitoramento da presidenta Dilma Rousseff, a fonte de Greenwald foi o antigo analista da NSA, Edward Snowden<sup>5</sup> (BBC News, 2013).

Há relação entre as manifestações de junho de 2013 com as operações secretas dos Estados Unidos reveladas por Snowden? Acreditamos que sim. Além disso, o Brasil se aproximava cada vez mais da Rússia por intermédio dos BRICS, que encabeçavam projetos como “Belt and Road” (a nova rota da seda para integrar a Eurásia), criavam o banco de desenvolvimento do BRICS, como organismo alternativo de financiamento e fechavam acordos de negócio e comércio a partir de suas próprias moedas, evitando o dólar americano; deste modo, passou a ser alvo da Guerra Híbrida estadunidense, o que possibilitava interromper projetos como do submarino nuclear (aos moldes iniciados na gestão Lula<sup>6</sup>), boicotar as empresas brasileiras que ganhavam projeção global e se apossar do Pré-sal (já que o marco regulador do Petróleo, aprovado no governo Lula, excluía-os do controle da exploração) (Escobar, 2016).

Coincidência? os protestos (a “revolução colorida”) enfraqueceram o governo Dilma, dessa forma, as classes médias, as elites burocráticas e partidárias criaram o clima para o discurso de impopularidade que daria sustentação para o seu *impeachment*, a acusação de Aécio Neves acerca de fraude eleitoral também não foi coincidência, como já destacamos, a narrativa foi utilizada em outros países, mas no Brasil, a mudança de regime via sistema parlamentar, não ocorreu imediatamente – como na Geórgia (2003) e Ucrânia (2004), assim como em Honduras (2009) e no Paraguai (2012) –, foram necessários dois anos até o afastamento da presidenta com uma tese jurídica falsa e um julgamento político<sup>7</sup> (Proner, 2016).

No ano de 2015 dezenas de protestos passaram a ocorrer contra a presidenta do Brasil, as manifestações foram convocadas pela grande mídia, em especial, pelos aparelhos do Grupo Globo<sup>8</sup>, assim como as acusações falsas sobre cometimento de crime de reponsabilidade ganhavam força (Fernandes, 2019); em 2016 o processo de *impeachment* foi realizado e Dilma Rousseff foi afastada dando lugar ao vice-presidente Michel Temer que sancionou, sem veto, a Lei 13.365/2016 que revogou a obrigatoriedade da Petrobras participar na exploração do petróleo do Pré-Sal, a proposta de alteração foi do Senador José Serra; este foi, no ano de 2010, o candidato para presidente do Brasil pró-Estados Unidos, perdeu as eleições para Dilma Rousseff.

No site *WikiLeaks* está publicado o telegrama no qual José Serra afirma a Patricia Pradal – Diretora de Desenvolvimento de Negócios e Assuntos Corporativos da Chevron Brasil – que se caso fosse vitorioso mudaria o marco regulatório, ao que parece a promessa foi cumprida, mas na posição de Ministro de Relações Exteriores do governo Michel Temer; Serra encaminhou a proposta em 2015, em fevereiro de 2016 foi votada em regime de urgência no Senado, aqui o “*impeachment político*” já estava prestes a ocorrer e se transformou em Lei após a deposição de Dilma. José Serra é do mesmo partido político de Aécio Neves, o PSDB, este é o partido que representa os interesses dos Estados Unidos no Brasil.

Ademais, foi a partir de 2016 que o ex-presidente Lula passou a ser investigado, culminando com a sua prisão em abril de 2018, o que contribuiu com a eleição de Jair Bolsonaro para presidente. Aqui está a outra frente importante da Guerra Híbrida estadunidense ao território brasileiro, a relação entre o Departamento de Justiça dos Estados Unidos (DoJ) e os juízes que compunham as Forças Tarefas da Operação Lava Jato, mais especificamente a “cooperação” entre 13ª Vara Federal de Curitiba sob a responsabilidade do então juiz Sérgio Moro e o DoJ.

Ainda no governo Bush (2001-2008) os Estados Unidos iniciaram o processo de cooptação do sistema judiciário brasileiro, como parte do conjunto das ações de combate ao terrorismo, o serviço de inteligência investigava a atuação de células terroristas no Brasil e as redes de lavagem de dinheiro e corrupção que, supostamente, poderiam auxiliá-las; é nesse contexto que o Departamento de Estado americano passou a financiar programas de treinamento de juízes brasileiros para utilizarem técnicas jurídicas americanas para combater esquemas de corrupção, logo, foi criado, no ano de 2008, o “Projeto Pontes” que consistiu em um conjunto de cursos de formação para treinar os magistrados brasileiros a partir de: 1) grupos de

trabalho anticorrupção, 2) da doutrina jurídica estadunidense (em especial, as delações premiadas) e 3) através de redes que tinham por objetivo partilhar “informalmente” dados fora dos padrões estabelecidos pelos tratados bilaterais de cooperação judiciária. Foi por intermédio dessa estrutura que a embaixada norte-americana passou a tecer relações com o juiz Sérgio Moro (Estrada & Bourcier, 2021).

A rede supracitada ganhou mais força com a publicação da “Lei anticorrupção” – *Lei 12.846, de 1º de agosto de 2013* –, cuja edição é resultado de fortes pressões do Grupo de Trabalho da OCDE sobre Suborno em Transações Comerciais Internacionais, imensamente influenciada pelos Estados Unidos. A “Lei anticorrupção” possui inúmeros dispositivos da *Lei de Práticas de Corrupção no Exterior (FCPA)*, uma norma que permite ao DoJ investigar empresas americanas no exterior e corporações estrangeiras com suspeitas de atividades criminosas que tenham vínculos com os Estados Unidos (Estrada & Bourcier, 2021).

Estavam estruturadas as frentes de combate ao território brasileiro, mediante as ações de Sérgio Moro e da Operação Lava Jato foi possível interferir na política partidária brasileira e atingir diretamente a Petrobras; desta forma os políticos brasileiros passaram a ser literalmente “caçados” e o PT criminalizado, culminando no *impeachment* da presidenta Dilma e na prisão do ex-presidente Lula (Souza, 2020; Estrada & Bourcier, 2021). Por outro lado, o DoJ e o FBI – com base na FCPA – investigavam as empreiteiras brasileiras e pressionavam-nas a “colaborar” com a justiça norte-americana. A Odebrecht, por exemplo, foi indiciada pela justiça americana:

No entanto, os líderes do grupo relutam em assinar o acordo de “colaboração” proposto pelas autoridades americanas, que inclui o reconhecimento de atos de corrupção não só no Brasil, mas em todos os países onde esta gigante da construção está instalada.

Para dobrá-los, os magistrados ordenam ao banco Citibank, responsável pelas contas da subsidiária americana da empresa, que dê à Odebrecht trinta dias para encerrá-los. Em caso de recusa, os valores depositados nessas contas serão colocados em liquidação judicial, situação que excluiria o conglomerado do sistema financeiro internacional e, portanto, o colocaria em falência (Estrada & Bourcier, 2021, para. 49).

É deste episódio que a 13ª Vara Federal de Curitiba, comandada por Sérgio Moro, obteve as informações para expedirem os mandatos contra os executivos da empresa no Brasil com o objetivo de conseguir as delações para verificar os supostos esquemas de corrupção da Odebrecht com a Petrobras e daí tecer as relações com o PT e o ex-presidente Lula. Portanto, tratava-se de uma ação de ordem geopolítica para atingir o Brasil (no interior do processo de integração regional que liderava) e as gigantes brasileiras da construção civil, porque estavam vencendo os principais contratos no setor, mas também porque financiavam campanhas eleitorais na América Latina, o que significava patrocinar campanhas de lideranças políticas anti Estados Unidos, como é o caso de Chaves e Maduro na Venezuela e de candidatos em regiões chave no Brasil, por exemplo, no município de São Paulo (centro financeiro dos investimentos estadunidenses e onde tem seu principal aliado, o PSDB) (Estrada & Bourcier, 2021).

Da rede DoJ-Lava Jato é que foram produzidas as “estranhezas” nas investigações contra o ex-presidente Lula; por exemplo, a gravação da conversa do último com Dilma divulgada pela TV Globo e que foi encaminhada por Sérgio Moro (Estrada & Bourcier, 2021). Para Souza (2020), o Grupo Globo está envolvido em todos os processos supracitados; no que tange aos protestos de 2013, quando os grupos de esquerda que realizaram as manifestações iniciais saíram de cena, a Globo passou a simpatizar com os protestos em 2013 e depois com a Operação Lava Jato; o autor aponta que essa mudança de postura está relacionada a investigação que a empresa sofria do governo americano devido ao seu envolvimento nos processos

de corrupção em negócios entre Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

A Globo estava sendo investigada, pois o governo americano faz uso da FCPA para levantar informações sobre empresas internacionais e interferir em assuntos domésticos. De alguma forma, os Estados Unidos utilizaram o contexto de envolvimento da Globo nos casos de corrupção envolvendo FIFA e CBF e a emissora se tornou uma aliada na Guerra Híbrida instalada. Como diz Korybko (2015), a grande mídia dá apoio as “revoluções coloridas”; o que também poderia explicar os vazamentos de informações sigilosas das investigações da Lava Jato realizadas pelo Ministério Público e Sérgio Moro aos veículos de informação do Grupo Globo (Guimarães, 2016) e o explícito posicionamento do Grupo Globo contra o governo Dilma, convocando manifestações e exaltando em seus programas de rádio e televisão a Lava Jato e a ação anticorrupção de Sérgio Moro (Fernandes, 2016).

Além do “estranhamento” que envolveu o desrespeito do Juiz Sérgio Moro ao artigo 5º, inciso XII, da Constituição Federal do Brasil de 1988, no que tange ao sigilo das comunicações, quando divulgou a conversa entre Dilma e Lula (Santoro, 2017); a sentença que condenou Lula – que tinha como escopo gerar impedimento legal a sua candidatura à Presidência da República nas eleições de 2018 – esteve repleta de arbitrariedades, a sentença teve um viés eminentemente político; nunca existiram provas contra o ex-presidente, não houve processo penal justo, a título de exemplo, inúmeras provas:

... às quais inocentavam Lula de todas as acusações, foram juntadas aos autos e nenhuma delas foi levada em consideração pelo magistrado de 1ª instância. Nem mesmo as declarações das testemunhas de defesa foram devidamente apreciadas e valoradas. O que tivemos foi uma condenação fundamentada não em provas, mas em convicções e em razões de ordem política, inclusive com o uso de reportagens veiculadas no Jornal O Globo de 10 de março de 2010 (Rodrigues, 2017, p. 117).

Ademais, a “delação premiada” do representante indiciado do Grupo OAS (agora Grupo Metha), mesmo desprovida de provas, pautada em mera alegação e sem nenhuma constatação, foi utilizada para condenar Lula (Rodrigues, 2017), bem como o ex-presidente foi preso antes do fim do processo e não pode exercer o seu direito de defesa como pede o devido processo legal (Ribeiro & Costa, 2017; Estrada & Bourcier, 2021).

Além disso, o que chama mais atenção são as similitudes das técnicas jurídicas utilizadas por Moro e os métodos do DoJ empregados em casos da cena política estadunidense. Souza (2020) recorda-nos do Livro “Lawfare: uma introdução” e faz uma comparação entre as prisões do senador norte-americano, pelo estado do Alaska, Ted Stevens e Lula; o primeiro, um grande opositor do Governo Obama, foi condenado pela justiça por violação do código de ética, o processo foi iniciado depois que Bill Allen, CEO da VECO Corporation (e amigo de Stevens) assinou acordo de delação premiada com autoridades judiciais e apontou que Stevens havia recebido 160 mil dólares para realizar uma reforma de seu chalé no Alaska.

O ex-presidente Lula foi condenado por conta de suposto recebimento ilícito para financiar a compra de um triplex no Guarujá e um sítio em Atibaia, além disso, atualmente é sabido que as “delações” que geraram provas contra o ex-presidente foram enviesadas. Em outras palavras, a trama montada contra o senador estadunidense serviu de base para o processo contra Lula, as duas teses têm como objeto bens imobiliários como ponto de partida para provar envolvimento em esquema de corrupção. Seria outra coincidência?

O outro detalhe interessante, o juiz que julgou e condenou Luís Inácio Lula da Silva – Sérgio Moro – tornou-se Ministro da Justiça e Segurança Pública de Jair Bolsonaro, candidato que nas eleições se beneficiou com a criminalização do PT, prisão e condenação de Lula. São públicas as declarações de Kenneth Blanco, procurador-geral adjunto do DoJ, sobre a relações do DoJ com a Operação Lava Jato (Estrada & Bourcier, 2021), logo, Sérgio Moro foi o representante direto dos Estados Unidos no governo Bolsonaro, eleito com ajuda das articulações entre o ex-magistrado e o DoJ.

Moro renunciou ao cargo de Ministro em abril de 2020; um ano depois (abril de 2021), o Supremo Tribunal Federal (STF) anulou os quatro processos criminais da Operação Lava Jato que tramitaram contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva na 13ª Vara Federal de Curitiba sob a responsabilidade de Moro (BBC News, 2021), além disso, o STF reconheceu que houve parcialidade no julgamento realizado pelo magistrado da 13ª Vara Federal de Curitiba (G1, 2021).

No entanto, a invasão estadunidense teve sucesso, o Governo Dilma foi deposto pelo desencadeamento de processos políticos que levaram a um *impeachment* com falsas teses de acusação (Proner, 2016), o PT, maior partido do Brasil foi criminalizado – pela Operação Lava Jato (que tinha o apoio do Departamento de Justiça dos Estados Unidos) – e políticos profissionais foram “caçados”, o que interferiu diretamente nas eleições e ajudou a eleger Jair Bolsonaro (Estrada & Bourcier, 2021; André, 2020) e possibilitou o retorno dos militares ao controle do Poder Executivo.

A Guerra Híbrida estadunidense instalada em solo brasileiro, permitiu a ascensão ao bloco no poder (Poulantzas, 2000) de um “consórcio de generais” que passou a comandar o Estado brasileiro e que atualmente dita as ordens utilizando as instituições democráticas. Para Leirner (2020) não há governo civil no Brasil, atualmente o país tem um governo militar e Bolsonaro é representante direto do Gabinete de Segurança Institucional (GSI)<sup>9</sup>, comandado pelo General da Reserva Augusto Heleno.

O General Heleno é a verdadeira liderança que dita as ordens do “consórcio de generais” e comanda hoje o Brasil; segundo Leirner (2020), Bolsonaro é apenas um para-raios, uma “cabeça de ponte” dos militares no congresso, o sujeito público que recebe as críticas; quem comanda o Brasil são alguns generais, além do mencionado, os outros homens fortes são o vice-presidente Hamilton Mourão e setores ligados ao General Eduardo Villas Boas (os três militares são vinculados a ala que discordou do processo de redemocratização).

## **b) Bolívia e Venezuela: mais coincidências?**

Na Bolívia, o “acontecimento” também esteve vinculado a questão eleitoral; o processo teve início em 2016 com a realização do referendo sobre alteração da Constituição Política do Estado (CPE), o referendo foi proposto pelo Movimiento al Socialismo (MAS) e possibilitaria a Evo Morales disputar mais uma eleição. No entanto, cerca de 51,3% da população rejeitou a propositura do MAS, Morales pelo resultado não poderia participar de outro pleito e tentar exercer o quarto mandato consecutivo (Domingues, 2016; BBC News, 2019).

O MAS recorreu do resultado no Tribunal Constitucional da Bolívia que acatou o recurso e em novembro de 2017 publicou decisão que permitiu a Evo Morales disputar as eleições no ano de 2019. O recurso encaminhado pelos parlamentares do MAS, com base no artigo 23 da Convenção Americana dos Direitos Humanos, pediu a suspensão dos artigos da Constituição boliviana que vetavam duas reeleições consecutiva, o que impedia a candidatura de Morales; o Tribunal concluiu que as cláusulas interferiam nos direitos políticos do então presidente, bem como dos demais políticos cuja reeleição estava limitada, portanto, os direitos garantidos na Convenção prevaleciam sobre as restrições constitucionais (BBC News, 2016; Molina 2017; Agência Brasil, 2017).

A oposição ficou enfurecida com a decisão do Tribunal, deste episódio foram produzidos os discursos de que a Bolívia estava se tornando uma “nova Venezuela”, uma vez que o MAS dera um golpe de Estado (Molina, 2017), mas, especialmente, foi deste evento que se criou a narrativa de que haveria fraude eleitoral (Brasil de Fato, 2020). O encaminhamento do recurso contra a decisão do referendo de 2016 e a decisão do Tribunal Constitucional possibilitaram a criação do “acontecimento”.

Deste modo, um contexto de Operações Psicológicas foi instalado, grupos de mídia tradicionais e alternativos passaram a disseminar uma série de *fakes news* contra Morales, fatos de sua vida pessoal foram expostos e deturpados, bem como uma série de informações foram veiculadas sobre decisões do presidente que, supostamente, comprovavam que estava

traindo seus apoiadores, como o caso dos incêndios florestais no norte e leste do país, a narrativa era de que Morales estava permitindo que pecuaristas cometessem os crimes ambientais, dando a entender que estava quebrando seu compromisso com a *Pachamama* (mãe natureza), algo sério para as comunidades indígenas que apoiam o MAS:

A propagadora da campanha foi Jhanisse Vaca Daza, da ONG Ríos de Pie/Standing Rivers, receptora de fundos da NED e da Usaid, mas também do Oslo Freedom Forum e da Human Rights Foundation (HRF), que financiam manifestantes na Venezuela e em Hong Kong (Penido & Stédile, 2020, p. 92).

Ademais, adversários partidários abertamente versavam que as eleições seriam fraudulentas, Carlos Mesa, que ficaria na segunda colocação nas eleições de 2019, publicamente desacreditava o sistema eleitoral um ano antes do pleito; o argumento central era de que a candidatura de Morales era ilegítima devido a decisão do Tribunal Constitucional (Brasil de Fato, 2020).

Deste modo, o “terreno” estava sendo preparado, quando saiu o resultado, em outubro de 2019, de que Evo Morales havia vencido, Carlos Mesa se pauta na fraude eleitoral consolidada e a “revolução colorida” boliviana foi de fato iniciada. Mesa, na noite em que o resultado foi publicado, foi a imprensa para dizer que havia ocorrido uma “fraude monumental” (Brasil de Fato, 2020), logo em seguida houve uma forte campanha nas redes sociais convocando manifestações sob pretexto de que as eleições foram fraudadas (Penido & Stédile, 2020). Carlos Mesa era o candidato pró-Estados Unidos:

... vazamentos da correspondência diplomática pelo WikiLeaks revelaram que o candidato derrotado por Morales, Carlos Mesa, reunia-se com os embaixadores dos EUA desde 2008. Ele mesmo é integrante de um think tank sediado em Washington, o Diálogo Interamericano, financiado tanto pela Usaid quanto por petroleiras como Chevron e Exxon (Penido & Stédile, 2020, p. 91).

Ademais, a peça importante para legitimar o golpe foi o relatório da Organização de Estados Americanos (OEA) confirmando que as eleições foram fraudadas (Brasil de Fato, 2020). A partir do mencionado posicionamento, ocorreram protestos violentos, liderados por setores da Província de Santa Cruz e as forças armadas pressionaram Morales a renunciar, que o fez e fugiu para o México. Logo depois da renúncia, a senadora Jeanine Áñez se autoprocclamou presidenta do país. Ocorreram novas eleições, no entanto, o candidato do Movimento ao Socialismo (MAS) – apoiado por Morales – venceu as eleições (Penido & Stédile, 2020).

Os motivos que levaram ao golpe na Bolívia, encabeçado pelos Estados Unidos, estão relacionados ao controle do lítio (70% das reservas mundiais estão no país) de suma importância para a produção de baterias de telefones celulares e carros elétricos. Sabe-se que um dos sujeitos interessados na invasão (golpe) foi Elon Musk, proprietário da Tesla, que publicamente admitiu a participação dos Estados Unidos na deposição de Morales quando escreveu em seu twitter: “Vamos dar golpe em quem quisermos” (Rede TVT, 2020).

No entanto, a fala de Musk é um *limited hangout*, isto é, uma verdade parcial; é uma técnica das agências de inteligência dos Estados Unidos para esconder eventos chave dos episódios. A cobiça pelo Lítio é verdadeira, mas o evento ganha uma resposta oficial de quem promoveu a ação, o que causa espanto do público, com a “resposta” não se aprofunda mais no assunto, mas também amplia o discurso que seria mais uma teoria da conspiração.

Existem outros motivos para a deposição de Morales, além dos Estados Unidos não concordarem com a política de participação de 50% das empresas nacionais na exploração dos recursos naturais (era uma exigência para que as empresas estrangeiras pudessem explorar o lítio boliviano), faz dez anos que Morales vem denunciando e confrontando Washington, expondo as interferências dos Estado Unidos na Bolívia e suas ligações com os partidos da oposição, inclusive já expulsou

diplomatas norte-americanos e a USAID do país e suspendeu a cooperação entre Bolívia e o DEA (interrompendo as atividades de suposto combate às drogas), segundo o presidente, o DEA também conspirava contra o seu governo<sup>10</sup>.

Logo, Elon Musk ao falar sobre a participação no golpe, parcialmente diz a verdade e desvia as atenções da comunidade internacional sobre outras questões e participantes, sobretudo, a envolvimento de setores de governo e grandes corporações em atividades ilícitas; como destacamos, já houve uma resposta oficial, o golpe está relacionado com o lítio, assim o público é induzido a não procurar outros aspectos relacionados ao processo<sup>11</sup>.

Na Venezuela, o caso foi parecido com a Bolívia, Nicolás Maduro venceu as eleições, foram realizadas denúncias de fraude, ondas de protestos violentos foram registradas contra o resultado e o Governo (Fagundes, 2020), Ruan Guaidó, o presidente da Câmara se autodeclara presidente da república – após fugir do país alegando perseguição política – e os Estados Unidos reconhecem o novo governo (Penido & Stédile, 2020). Os partidos da oposição na Venezuela (entre os quais o partido de Guaidó) são financiados pelos Estados Unidos, atuam no interior do sistema democrático na Venezuela em *prol* dos interesses estadunidenses (Brasil de Fato, 2022).

Outro episódio da Guerra Híbrida Venezuelana ocorreu com a Operação Gedeón, uma tentativa de sequestro de Nicolás Maduro por um grupo de mercenários da empresa (estadunidense) Silvercorp que recebeu informações da oposição (G1, 2020) e foi contratada – segundo as investigações do Ministério Público venezuelano – por Juan José Rendón, assessor de Guaidó (Revista Fórum, 2020); além disso, o governo dos Estados Unidos ofereceu uma recompensa de US\$ 15 milhões para quem capturar Maduro, que passou a ser acusado pelo Departamento de Justiça norte-americano de narcoterrorista, lavagem de dinheiro e corrupção (Poder 360, 2020).

Aqui aparece outro mecanismo de Operação Psicológica da Guerra Híbrida, a difamação das lideranças políticas do Estado Alvo para a opinião pública internacional, desta maneira, cria-se um sentimento de solidariedade no mundo ocidental para justificar as intervenções econômicas e militares (Stone, 2016; Fernandes, 2022), a difamação internacional de lideranças ocorreu contra o presidente da Ucrânia em 2014 (chamado de nazista), contra Lula no Brasil entre 2016 e 2018 (apontado como chefe de quadrilha), Evo Morales (desde 2005 é chamado de traficante pela mídia internacional, pois foi cocaleiro, ou seja, uma pessoa que plantava folha de coca) e em 2022, Putin foi acusado de ditador pela imprensa ocidental, depois que ordenou a “operação especial militar” na Ucrânia. Coincidência? Não. Trata-se de um padrão da invasão estadunidense por meio de Guerra Híbrida.

A difamação, no caso de Maduro, faz com que a mídia internacional não discuta as relações entre Guaidó e as tentativas de golpes contra o presidente eleito da Venezuela que tem a “mão” dos Estados Unidos, há uma naturalização no fato do Departamento de Justiça estadunidense colocar a prêmio a “cabeça” de um chefe de Estado; quando a Operação Gedeón foi desmantelada, a imprensa internacional simplesmente destacou que a ação seria justificada porque há uma recompensa; não há debate sobre o porquê das ligações entre Guaidó e o governo norte-americano.

Bem como há uma naturalização acerca das interferências estadunidenses por meio da USAID e NED, treinando setores da juventude e financiando as elites venezuelanas para enfraquecer o governo desde a gestão Chaves (Fagundes, 2020; Engdahl, 2009; Fernandes, 2022); a ideia é simples e explícita, enquanto o povo estiver elegendo candidatos não alinhados a Washington, a eleição será deslegitimada e o governo escolhido será considerado uma “ditadura”, o que dá o falso direito dos Estados Unidos de interferirem nos processos domésticos da Venezuela (e de qualquer outro Estado, caso desagradar seus interesses).

O governo de Maduro não foi deposto, mas as sanções econômicas e políticas (inclusive contra a família do presidente) dos Estados Unidos foram pesadas, houve bloqueio dos ativos da estatal petrolífera da Venezuela, a PDVSA; e por força do Departamento de Justiça dos Estados Unidos a estatal passou a ser controlada pela oposição; além do forte ativismo

de Guaidó no âmbito internacional. A Venezuela foi de fato ocupada, as tropas são os partidos de direita que agem abertamente em território venezuelano em *prol* dos interesses de Washington<sup>12</sup> (Brasil de Fato, 2022).

### c) Guerra Híbrida na Nicarágua (2018): um padrão ucraniano

Entre abril e julho de 2018 foi instalado na Nicarágua um cenário de Guerra Híbrida, ao que parece, o objetivo era retirar do cargo de presidente Daniel Ortega, da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) e um dos líderes históricos da Revolução Sandinista (1979-1990). Ortega vem sendo eleito de forma democrática desde o ano de 2007 e seu governo vem promovendo movimentações que desagradam os Estados Unidos, tanto do ponto de vista social quanto geopolítico.

No que tange a questão social, o seu Governo de esquerda institucionalizou mecanismos de democracia direta, com uma participação popular mais efetiva nas questões de Estado, os Consejos del Poder Ciudadano (CPC) e o Gabinete Nacional de Poder Ciudadano; os conselhos são espaços nos quais diferentes segmentos da população formulam e deliberam sobre políticas públicas, o Gabinete é formado por 272 representantes eleitos pelo povo que lideram o Governo em conjunto com o presidente, o vice-presidente e ministros (Perla Jr. & Cruz-Feliciano, 2013).

Tal estrutura de gestão tem sido fundamental para a criação e condução dos programas sociais com objetivo de reconstrução e fortalecimento da saúde e educação pública, diminuição dos índices de pobreza e implantação de políticas de promoção de Soberania Alimentar e Economia Popular a partir de massivos investimentos públicos do governo Ortega, desse modo, 90% dos alimentos passou a ser produzido no país e houve a diminuição da dependência dos empréstimos do FMI (Zeese & Mccune, 2018; Capelán, 2019; Hoyt, 2009).

Em relação ao aspecto geopolítico, o governo de Daniel Ortega, embora adotasse a estratégia de evitar o enfrentamento público aos EUA, iniciou uma série de processos que se aproximavam a Alianza Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América (ALBA), encabeçada por Hugo Chavez, logo, passou a flertar com a integração regional latino-americana oriunda da Onda Rosa (Perla Jr. & Cruz-Feliciano, 2013); também é preciso destacar que a Nicarágua conseguiu controlar o avanço do crime organizado, em especial as atividades relacionadas ao tráfico de drogas, desta maneira, evitando as políticas de “guerra às drogas” estadunidense e controle do território pelo DEA (Drug Enforcement Administration [Administração de Fiscalização de Drogas]) e não estabelecendo relação de exclusividade com Washington.

No que tange a treinamento e compra de armas, ao contrário disso se aproximando da Rússia (Fagundes, 2020), além disso, o Governo Ortega adotou um modelo de polícia comunitária, com baixíssimos níveis de corrupção e com mulheres ocupando cargos de alto escalão (Ratchford III, 2017; Zeese & Mccune, 2018). De igual modo, há “... um projeto de 2014 para a construção de um canal interoceânico em parceria com a empresa chinesa HKND Group, sabidamente um antigo desejo estratégico dos EUA, como uma das principais causas para despertar da fúria estadunidense” (Fagundes, 2020, p. 50).

As políticas sociais e ampliação da democracia deram popularidade e credibilidade a Daniel Ortega, suas sucessivas reeleições são prova disso; assim, a oposição que sempre teve apoio dos Estados Unidos não consegue vencer os pleitos; por outro lado, a aproximação com a Venezuela e com os BRICS (com a China e Rússia) afastam a Nicarágua do eixo norte-americano. Tais condutas da política doméstica e externa passaram a ser analisadas de maneira negativa por Washington, desencadeando uma série de ações contra o governo da FSLN.

Desde 2011 a mídia internacional (apoiadora dos Estados Unidos) vem proferindo o discurso de que as reeleições de Ortega são oriundas de processos eleitorais fraudulentos; movimento reforçado por ONGs financiadas pelo governo norte-americano como Hagamos Democracia (Zeese & Mccune, 2018; Kaufman, 2019), as *fake News* eram disseminadas mesmo com os índices de aprovação do governo Ortega na ordem de 70%, as notícias somavam-se aos cortes de ajuda financeira a Nicarágua após a primeira vitória de Ortega em 2006 e, posteriormente, geraram as articulações do Congresso norte-americano para a criação, no ano de 2017, da *Nicaragua Investment Conditionality Act*, aprovada em novembro de 2018, depois do evento

da Guerra Híbrida em território nicaraguense. A lei em questão foi criada com o pressuposto de instalar eleições livres na Nicarágua (Fagundes, 2020).

Como demonstrado anteriormente, essa é uma tática dos Estados Unidos, difamar os governos Alvos, a *Nicaragua Investment Conditionality Act* é uma afronta a soberania nicaraguense, como a FSLN não perde as eleições nas urnas (logo, a oposição não consegue ser eleita), o objetivo é dizer a comunidade internacional que a democracia da Nicarágua está “errada”; trata-se de um protocolo de invasão bem definido. Mas, o que de fato fez com que os Estado Unidos comesçassem a investir contra o Governo de Daniel Ortega é a aproximação com a China na tentativa de interromper a construção do canal e o futuro acesso a América Central e ao Mar do Caribe, considerados “quintal” dos estadunidenses há séculos (Korybko, 2017).

Desde então há uma ofensiva dos Estados Unidos contra a Nicarágua com um conjunto de estratégias sendo colocadas em prática, entre as quais “... a ‘promoção de lideranças emergentes’, o ‘fortalecimento da sociedade civil’ e de uma ‘mídia independente’ para criar as condições para a operação de mudança de regime” (Fagundes, 2020, p. 51).

Foram quatro anos de preparativos para dar início a primeira fase da Guerra Híbrida no país, as fases que antecederam o “acontecimento” foram articuladas pela NED e USAID em associação com ONGs e institutos privados; a NED trabalhou em conjunto com a ONG *Hagamos Democracia* e o Instituto de Estudios Estratégicos y Políticas Públicas (IEEPP), ambos foram financiados para capacitar ativistas para debater e gerar informações contra o governo Ortega; a USAID financiou diversos cursos de capacitação e desenvolveu programas econômicos pautados pela temática anti canal, a cooptação foi direcionada a grande imprensa para que criassem consensos sobre democracia e direitos humanos que fossem díspares da política de Ortega.

Ademais, houve financiamento de programas de formação de “lideranças estudantis” e aproximação com grupos dissidentes ao sandinismo e de coletivos de mulheres apoiados pelos Estados Unidos; nesse caso a Freedom House era a responsável pela mediação, bem como foram inúmeros os encontros entre as “lideranças” da direta com representantes da embaixada americana para coordenarem campanhas de oposição a Daniel Ortega nas eleições municipais, inclusive, com o apoio explícito dos Estados Unidos a candidatos de extrema direita. O consenso criado foi de que Ortega era um perigo para a democracia na Nicarágua e que sua renúncia era a única solução, este foi o pensamento e discurso explicitado desde o primeiro dia da eclosão da “revolução colorida” (Gonzalez, 2019; Delgado, 2019; Fagundes, 2020).

Na Nicarágua em 2018, o “acontecimento” para a “revolução colorida” foi o anúncio de uma reforma previdenciária, Fagundes (2020), explica que:

O FMI pressionava o governo, tanto em 2017 como em 2018, pelo aumento da idade de jubilação de 60 para 65 anos, duplicação do tempo de contribuição, aumento da porcentagem da contribuição patronal e dos empregados, redução da taxa de reposição (a porcentagem do salário recebido por um trabalhador aposentado em relação ao salário recebido antes da aposentadoria), e corte serviços de saúde, privatizando hospitais e clínicas - medidas que agridem diretamente os trabalhadores (Fagundes, 2020, p. 59).

A proposta do FMI era apoiada pelo Consejo Superior de la Empresa Privada (COSEP) – a maior representante do setor privado na Nicarágua – e, também, defendida pelos grandes meios de comunicação como o jornal *La Prensa* (de espectro político conservador e de maior circulação no país); o Governo Ortega, por outro lado, não aceitava a sugestão do Fundo (Cruz, 2017) e propunha um aumento de 0,75% na contribuição dos trabalhadores e de 1,75% do Governo, bem como ampliava a taxa de lucro dos empresários na ordem de 3,5% e no sentido de criar serviços previdenciários para os setores mais vulneráveis propôs uma redução de 5% das aposentadorias. A propositura do Governo tinha o aval de diferentes setores da sociedade nicaraguense; como o COSEP se retirou das negociações (pois só acataria a proposta de Ortega caso uma ampla reforma tributária fosse realizada, o que não foi aceito); foi publicado um decreto presidencial com as propostas ratificadas somente pelos diferentes segmentos sociais, sem o acordo com o COSEP (Fagundes, 2020).

O cenário estava armado para a eclosão da “revolução colorida”; o COSEP convocou manifestações contra o decreto de Daniel Ortega, a grande mídia passou a deturpar a proposta de Ortega dizendo que o Governo iria cortar benefícios e exigir maiores contribuições dos trabalhadores, o discurso ganhou força através de perfis falsos nas redes sociais e de ONGs apoiadas pela NED como a Fundacion Nicaraguense para el Desarrollo Economico y Social (Funides), a campanha dos manifestantes nas redes ficou conhecida como hashtag #SOSINSS (Fagundes, 2020).

Na Nicarágua, em 2018, houve uma “enxurrada” de anúncios oriundos do Facebook, através de perfis falsos, em conjunto com milhões de mensagens do WhatsApp convocando as manifestações e já nos primeiros dias de protestos os articuladores implementaram a técnica da “vítima sagrada”. Além da falsa notícia de reforma unilateral do INSS, no primeiro dia houve uma série de compartilhamento da notícia falsa sobre o assassinato – por forças policiais – de um estudante que protestava na Universidad Centroamericana (UCA) (Blumenthal & Mccune, 2019).

A notícia falsa, mobilizou nos dias posteriores as pessoas aos protestos, passando a ser normal *fake News* sobre massacre estudantil e morte de outros civis realizado pelas forças de segurança estatais (Lárcom, 2019), assim como circulavam nas redes sociais notícias sobre assassinatos cometidos pelo Governo durante os protestos e fotografias de pessoas vivas eram veiculadas como aquelas que tinham sido mortas pela polícia (Somarriba, 2019). As notícias falsas sobre o massacre do Governo eram reproduzidas sem critérios e não havia apuração, das redes sociais para os grandes meios de comunicação e vice-versa, o objetivo era promover o caos (Trucchi, 2019).

Desde o primeiro dia<sup>13</sup> dos protestos contra o Governo de Daniel Ortega houve uma campanha coordenada com disseminação de informações falsas por meio do Facebook e WhatsApp e vídeos forjados pelos manifestantes que atuavam como se estivessem sendo atacados pelas forças de segurança; os principais protagonistas desses processos foram ONGs, dissidências da FSLN (como o Movimiento por el Rescate del Sandinismo - MRS), partidos e instituições do espectro político mais à direita, todos financiados e articulados com USAID e NED (Ayerdis, 2018; Fagundes, 2020).

A medida que as informações de agressões do Governo Ortega contra civis ganhavam força, nas redes sociais e por meio da grande mídia nacional e internacional (a título de exemplo, La Prensa, El País e BBC News reproduziam os twitters e mensagens do Facebook sem apuração das fontes), os EUA aplicavam sanções a funcionários do governo e família do chefe do poder executivo contra supostos atos de corrupção e violação dos direitos humanos (Penido & Stédile, 2020).

O padrão sírio era seguido, a fase incipiente iniciara com notícias falsas veiculadas pela imprensa e *internet* de massacres a civis (Bandeira, 2013); progrediu para as sanções oficiais do governo estadunidense, como aconteceu na Venezuela (Ayerdis, 2018) e ganharia ares da guerra não convencional da Ucrânia (Fagundes, 2020), pois desde o início o discurso dos articuladores era de renúncia do presidente Ortega e as ações violentas de guerrilha urbana foram aplicadas.

No mês de abril os protestos ficaram violentos, ataques terroristas a edifícios do governo e prédios públicos foram registrados em diferentes cidades, os articuladores, desta maneira, invadiam e ocupavam universidades públicas, incendiavam gabinetes municipais e outros equipamentos do Estado e os sandinistas eram atacados nas ruas e em suas casas (Fagundes, 2020), ao final do mês de abril a guerra de guerrilha estava instalada.

A expressão da violência na Nicarágua foram os *tranques*, barricadas que tinham função ofensivas e de defesa, eram utilizadas para bloquear rodovias e ruas e os acessos aos bairros, as manifestações contra a polícia e a população ocorriam com o apoio dos *tranques* (Fagundes, 2020); várias ações coordenadas com base nesses grupos foram utilizadas para assassinar segmentos da população nicaraguense. As ações dos *tranques* se comparam ao do Pravy Sector na Ucrânia em 2013/2014.

Há relatos de que homens encapuzados arremessavam coquetéis molotov em casas que eram incendiadas com pessoas no interior; os *tranques* geralmente eram formados nos acessos do bairro que estava sendo atacado, assim a polícia era impedida de entrar e a população de escapar do perímetro (180 Grados, 2019). As barricadas também serviam para atrair as

forças policiais (a divisão antidistúrbio) e logo em seguida eram alvejadas por franco-atiradores, assim policiais e manifestantes eram atingidos pelos projéteis (Sefton, 2018; Lárcom, 2019).

Ademais, as universidades públicas foram ocupadas por estudantes treinados por ONGs e por setores da oposição e, também, por organizações criminosas (que portavam armamento pesado), as unidades ocupadas tornaram-se bases de operações para preparar as ações da guerra não convencional, entre as quais as montagens midiáticas em que os ocupantes gravavam vídeos cujo conteúdo forjava ataques das forças de segurança sobre os mesmos, bem como das ocupações é que partiam as incursões das unidades operacionais responsáveis por saquear e incendiar equipamentos urbanos.

Além disso, os grupos de oposição roubavam uniformes da polícia para agredir os manifestantes pacíficos ou se vestiam com camisetas de sandinistas para atacar os manifestantes, tais táticas eram acompanhadas pela grande mídia, assim “vítimas sagradas” eram mitificadas, deste modo, era possível fortalecer a narrativa de que o governo Ortega era o responsável por massacres aos estudantes, diga-se de passagem, era assim que veículos de imprensa como a *BBC*, *The Guardian*, *The Washington Post* e *The New York Times* apresentavam os episódios (Fagundes, 2020). No entanto,

A grande mentira da oposição da Nicarágua é que eles foram vítimas pacíficas da repressão governamental à qual atribuem falsamente todas as mortes durante a crise. A mídia ocidental e as ONGs continuam à espalhar essa mentira. A Anistia Internacional afirma falsamente que o governo aplicou uma política de atirar para matar, citando, por exemplo, as mortes de 7 pessoas em 30 de maio que seus funcionários afirmam ter testemunhado. Eles omitem que 20 policiais foram feridos por arma de fogo nessa mesma série de eventos. Nem eles nem ninguém estabeleceu com segurança quem realmente eram os atiradores<sup>14</sup> (Sefton, 2018, para. 5).

Não apenas ONGs como Anistia Internacional, mas o Centro Nicaraguense de Derechos Humanos (CENIDH), Asociación Nicaraguense de Derechos Humanos (ANPDH), Comisión Interamericana de Derechos Humanos (CIDH), todas com ligações com a NED e USAID, repassavam dados forjados sobre o número de mortos aos grandes grupos de mídia internacional com o objetivo de criminalizar o governo Ortega, além disso omitiam o número de vítimas do lado dos apoiadores do governo (Hendrix, 2018).

Como já destacamos anteriormente, há um padrão, no caso da Nicarágua os Estados Unidos fizeram uso de ONGs e grupos de extrema direita (*os tranques*), *fake news* e houve articulação com a grande mídia potencializando as táticas de difamação e “vítimas sagradas”, tais métodos e técnicas, por exemplo, foram vistas na Ucrânia; não houve coincidência.

Outro fato importante está no posicionamento da oposição sobre a renúncia de Ortega; o objetivo desde o início da “revolução colorida” era a mudança do governo. As manifestações foram iniciadas no dia 18 de abril em decorrência do decreto presidencial que supostamente era unilateral, como houve violência desde o início, no dia 22 de abril o presidente Ortega revogou o decreto, no entanto, os protestos continuaram e o governo propôs uma mesa de diálogo, mas a oposição não queria conversar, a palavra de ordem era “renúncia”, obviamente o decreto foi apenas o gatilho (Fagundes, 2020).

Havia um alto grau de coordenação e as ações da oposição – representada pela “Aliança Cívica por Justiça e Democracia” – aproveitou-se de todas as movimentações do governo; logo que Ortega convocou os opositores para dialogar, aceitaram participar da primeira rodada vinte dias depois do convite, foi nesse interim que os protestos e as ações dos *tranques* foram intensificadas e ficaram violentas, portanto, quando o governo chegou para conversar no mês de maio o discurso já estava pronto, os golpistas o apontavam como genocida e queriam a sua renúncia. Logo, nunca houve o interesse, por parte da oposição, em dialogar; a estratégia era ganhar tempo (Lárcom, 2019; Hendrix, 2019).

Novamente repetia-se um padrão, os parlamentares e os grupos de extrema direita na Ucrânia em 2013/2014 agiram da mesma maneira, mesmo com o acordo entre presidente e os mediadores, as manifestações continuaram. Em maio, durante a primeira conversa, o presidente Ortega prometeu manter as forças de segurança nos quartéis; a partir do dia 16 de maio a

promessa foi cumprida (a polícia ficou fora das ruas por cinquenta e cinco dias), no entanto, os *tranques* ampliaram as suas ações (Fagundes, 2020).

O detalhe interessante nos episódios do que ficou conhecido como “Diálogo Nacional” é que durante as sessões públicas de negociação os segmentos sociais por trás dos distúrbios foram expostos:

A Aliança Cívica pela Justiça e Democracia da oposição tem como figuras-chave: José Adán Aguirre, líder do lobby empresarial privado; María Nelly Rivas, diretora da Cargill na Nicarágua e diretora da Câmara de Comércio Estados Unidos-Nicarágua; estudantes de universidades particulares do Movimento 19 de Abril; Michael Healy, gerente de uma empresa açucareira colombiana e chefe do lobby do agronegócio; Juan Sebastián Chamorro, que representa a oligarquia disfarçada de sociedade civil; Carlos Tunnermann, de 85 anos, ex-ministro sandinista e ex-reitor da Universidade Nacional; Azalea Solís, diretora de uma organização feminista financiada pelo governo dos Estados Unidos; e Medardo Mairena, um “líder camponês” financiado pelo governo dos Estados Unidos, que viveu 17 anos na Costa Rica antes de ser deportado em 2017 por tráfico de pessoas. Tunnermann, Solís e os estudantes do 19 de abril estão associados ao Movimento de Renovação Sandinista (MRS), um pequeno partido que saiu do sandinismo que, no entanto, merece atenção especial<sup>15</sup> (Blumenthal & Mccune, 2019, p. 135).

As “peças do xadrez” supracitadas foram os tenentes em território nicaraguense da invasão norte-americana, aos sujeitos/as citados inclui-se também setores da Igreja Católica, muitos *tranques* foram comandados por bispos católicos (Delgado, 2019; Fagundes, 2020). Os tenentes são as figuras públicas da Guerra Híbrida (Korybko, 2015), eles é que aparecem nos enfrentamentos e geralmente são apontados como organizadores e líderes das manifestações, o que é falso, quem comanda é o núcleo, neste caso os atores vinculados ao governo norte-americano; como a abordagem é indireta, os Estados Unidos ficam nas “sombras” atuando em diversos setores no interior da estrutura societal, logo, faz parecer que é uma questão meramente de política doméstica, o que não é verdade.

Os invasores não conseguiram derrubar o governo de Daniel Ortega, a guerra de movimento não foi implementada, as ofensivas da “guerra de guerrilha” foram perdendo força no mês de julho de 2018, houve um fracionamento e desgaste das forças de oposição/invasão (Fagundes, 2020), a partir do mês de junho os setores populares se organizaram e se mobilizaram para proteger bairros, casas, hospitais, suas famílias e passaram a realizar um enfrentamento contra *os tranques*, desmobilizando as investidas terroristas “foi a militância histórica do sandinismo, que muitas vezes deixou de lado as contradições pessoais e disponibilizou toda sua experiência organizacional, força moral e consciência histórica para mudar a correlação de forças”<sup>16</sup> (Delgado, 2019, p. 319).

No contexto geral, mais de duzentas pessoas morreram em consequência dos enfrentamentos da guerra não convencional na Nicarágua em 2018 (Hendrix, 2018); decorrência das denúncias de violação de direitos humanos, os Estados Unidos implementaram sanções econômicas contra o governo de Daniel Ortega, o que contribuiu para promover uma grave crise econômica no país (Delgado, 2019).

## 5. Considerações Finais

A Guerra Híbrida norte-americana em solo Latino-Americano reserva singularidades e “coincidências”. Um fator diferente e singular está no fato das “revoluções coloridas” serem instrumentalizadas por elites colonizadas, o que permite a concretização das invasões (pelo agente externo) por meio da institucionalidade estatal, como parlamento e o Judiciário, Brasil e Bolívia são os exemplos nesses casos.

Na Bolívia, o MAS conseguiu ser reeleito, apesar do golpe, mas Evo Morales ficou visado, acreditamos que qualquer tentativa da liderança disputar cargos eletivos, será motivo para articulações contra ele e contra a Bolívia por parte dos agentes estadunidenses instalados naquele país, além do mais, as articulações de 2019, por outro lado, demonstram que a chamada

direita está articulada e conhece os pontos fracos do MAS (um deles é a questão da renovação dos quadros para disputar eleições) e está pronta para realizar novos golpes.

No Brasil, a invasão deu certo, Dilma foi afastada em decorrência de articulações escusas, oriundas em parte pela dinâmica doméstica, mas, sobretudo, em decorrência das investidas americanas, implantando agentes externos, como o ex-juiz Sérgio Moro, que com um golpe só contribuiu para o criminalizar uma das maiores lideranças do país e ajudou a eleger um representante dos militares ao cargo máximo do país. Arriscamos dizer que no Brasil o desfecho da invasão americana, por meio da Guerra Híbrida, vai ocorrer com o resultado das eleições para presidente neste ano de 2022.

Há dois anos o presidente Jair Bolsonaro vem discursando sobre fraude eleitoral, contestando as urnas eletrônicas, aparentemente, caso perca as eleições, acreditamos que uma “fase de guerrilha” será instalada no país; e mais, agentes estatais é que vão coordenar os enfrentamentos, assim, pode haver “brechas” para o governo Biden realizar novas intervenções híbridas e convencionais no Brasil em breve. Por outro lado, observando as coligações que estão sendo formadas, grande parte delas são pró-Estados Unidos, mesmo as chapas que podem vencer Bolsonaro nas urnas. Portanto, o Brasil é um país ocupado.

Na Nicarágua os métodos tradicionais da Guerra Híbrida foram utilizados, como vimos, houve a progressão em poucos dias da “revolução colorida” para a guerra não convencional, o governo não foi deposto, mas a sociedade nicaraguense sofre as consequências do caos sistêmico instalado entre abril e julho de 2018 no país, as sanções americanas afetaram sistematicamente a economia do país, houve retorno de altos índices de extrema pobreza em alguns segmentos populacionais, pobreza que tinha sido erradicada nos governos de Daniel Ortega.

A Venezuela além de difamada internacionalmente, passa por uma crise política e econômica sem precedentes, a sua principal empresa estatal, por exemplo, está nas mãos da oposição que tem apoio aberto de Washington, além de suas fontes estarem retidas pelo governo norte-americano. Ademais, o sistema político partidário atualmente tem grande influência de lobistas, empresas e de outros setores dos Estados Unidos, parte da juventude está treinada com valores contrários ao do chavismo e com grande apoio de instituições norte-americanas; o que significa que a longo prazo as pressões ao Governo Maduro e seus sucessores vai aumentar; assim como o Brasil, a Venezuela é um país ocupado.

Outra questão importante, as táticas utilizadas na Ucrânia em 2013/2014 foram empregadas na Nicarágua, que se transformou no principal laboratório da Guerra Híbrida americana no continente, é preciso futuramente aprofundar os estudos no caso nicaraguense. Se por um lado a Ucrânia é a referência de cenário de Guerra Híbrida que serve de exemplo para ser aplicado em outros territórios (como foi o próprio caso nicaraguense), o cenário implantado na Nicarágua em 2018 será o exemplo para as futuras operações dos estadunidenses em territórios latino-americanos.

Assim, as “coincidências” nos casos apresentados são as movimentações dos Estados Unidos contra as empresas nacionais na participação de recursos naturais, as denúncias de fraude eleitoral e anuência dos tribunais superiores anulando os pleitos ou possibilitando os *impeachments*, antecedidas ou seguidas das manifestações; nos quatro casos analisados esses pontos ficam muito evidentes, o que demonstra que há um protocolo para as invasões.

Além da questão do controle sobre recursos, os países latino-americanos que optaram pelo processo de integração sul-americana e se articularam no eixo dos BRICS e tentavam diminuir as influências (políticas, culturais e econômicas) estadunidenses foram atacados, logo, há indícios de articulações geopolíticas dos Estados Unidos em diferentes território do continente e, especialmente, a América Latina é palco de uma Guerra, mas os combates não são convencionais, as operações são indiretas, as batalhas são realizadas no interior (e a partir da estrutura) dos valores e instituições da democracia representativa burguesa.

Logo, há ultrapassamentos das fronteiras tradicionais entre política e guerra, assim, para além de realizarmos a denúncia (demonstrando alguns detalhes dessa guerra) é preciso refletirmos porque instituições como os *direitos humanos* e a

*democracia* estão sendo utilizados para fazer guerra e promover golpes de Estado neste início do século XXI e, acima de tudo, possibilitar ocupações.

A democracia continua sendo o caminho, no entanto, ela precisa de novos elementos, no debate foi possível averiguar (em todos os casos) que as invasões somente foram possíveis porque a democracia representativa foi instrumentalizada, em especial, pois nela um dos recursos de participação é o protesto, que geralmente é o instrumento dos segmentos sociais para contestar, mas na Guerra Híbrida estadunidense, a ideia de nação é manipulada para que os setores hegemônicos, com apoio do agente externo, iniciem uma onda de manifestações contra o governo e articulem o discurso de que os eventos são resultado da vontade (“espontânea”) do povo.

Portanto, somente a democracia representativa não basta; é preciso mais, mais instrumentos de participação popular e deliberação; o que ajudaria a evitar *impeachments* forjados e conduzidos pelas elites partidárias, mais democratização e regulação das mídias; em especial da grande mídia, de suma importância para a instalação das Guerras Híbridas (veja o caso do Brasil com a Globo e *La Prensa* na Nicarágua) e mais isonomia nas regras do sistema internacional; como já ressaltamos, instituições e valores do contexto do que denominamos de democracia foram utilizados para realização de golpes/invasões.

Os Estados Unidos, em todas as situações apresentadas interferiam em dinâmicas domésticas por intermédio de instrumentos brandos, utilizando juízes, a lei, ONGs que atuam defendendo direitos humanos; comprando o sistema eleitoral, realizando financiamento estudantil, sanções econômicas que se utilizaram do suprimento da *Ajuda ao Desenvolvimento* e tiveram apoio da OEA e outras organizações consideradas confiáveis no sistema regional de Relações Internacionais; estes são valores e instituições consolidadas pela hegemonia estadunidense no século XX; é preciso repensar pilares do sistema internacional, valores universais foram utilizados para desrespeitar questões soberanas e foram (e ainda podem ser) utilizados para realizar invasões.

Em suma, a América Latina vive atualmente um cenário de guerra; e não se trata de uma “nova guerra fria”, o cenário é de Guerra Híbrida, na Guerra Fria, as movimentações eram identificáveis, o alinhamento automático, existiam prognósticos para os desfechos nas crises; o novo contexto de guerra manipula a mente e as percepções; as invasões são realizadas sem a utilização de tropas regulares, invadem o sistema político, a cultura e o cotidiano das pessoas sem declaração de guerra e as ocupações territoriais do inimigo estabelecem regimes de governo que transcendem as ditaduras; na nossa análise, se os articuladores da Guerra Híbrida fazem uso dos pilares da democracia representativa para invadir os territórios, quando ocorre a mudança de governo (isto é, a ocupação), a consequência é a implantação de uma democracia falsa, com “cartas marcadas”, um regime permanente, ou como Poulantzas (2000) denominou: um estatismo autoritário (mas, esse é um debate para outro momento).

## Referências

- André, L. A. (2020). *Ensaio - Guerra Híbrida à Brasileira: Das Jornadas de 2013 às perspectivas para a próxima década!*. RM Editoriais & Revisões.
- Agência Brasil (2017). *Evo Morales afirma que sua quarta candidatura “garante continuidade democrática*. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-11/evo-morales-afirma-que-sua-nova-candidatura-garante-continuidade>
- Arquilla, J.; & Ronfeldt, D. F. (2000). *Swarming and the Future of Conflict*. Santa Monica, CA: RAND.
- Araújo, M. A.; & Pereira, V. S. (2018). Rupturas, neogolpismo e América Latina: uma análise sobre Honduras, Paraguai e Brasil. R. Katál., *Florianópolis*, 21 (1), 125-136.
- Ayerdis, M. (2018). *Prolegómenos para la puesta en contexto del fallido golpe de estado en Nicaragua* (18 de abril-18 de julio 2018) (Propuesta para el debate). [https://www.academia.edu/38629840/Intento\\_de\\_golpe\\_de\\_estado\\_Nicaragua](https://www.academia.edu/38629840/Intento_de_golpe_de_estado_Nicaragua).
- Bandeira, L. A. M. A (2014). *Segunda Guerra Fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos - das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bartkowiak et. al. (2017). A Primavera Árabe E As Redes Sociais: O uso das redes sociais nas manifestações da Primavera Árabe nos países da Tunísia, Egito e Líbia. *Cadernos De Relações Internacionais*, 10 (1), 66-94.

- Blumenthal, M.; & Mccune, N. (2019). *Cómo Nicaragua derrotó un golpe de estado de derecha respaldado por Estados Unidos. Nicaragua 2018: ¿levantamiento popular o golpe de Estado?*. [S.l.: s.n.], 74.
- Brasil de Fato (2022). *Qual a responsabilidade dos EUA e da Otan pela Guerra na Ucrânia?*. <https://www.brasildefato.com.br/2022/05/04/qual-a-responsabilidade-dos-eua-e-da-otan-pela-guerra-na-ucrania>.
- Brasil de Fato (2020). *“Vamos dar golpe em quem quisermos”, diz Elon Musk, dono da Tesla, sobre a Bolívia*. <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/25/vamos-dar-golpe-em-quem-quisermos-elon-musk-dono-da-tesla-sobre-a-bolivia>
- Brasil de fato (2022). *EUA, sanções e petróleo: o que falta para governo e oposição da Venezuela retomarem diálogos*. <https://www.brasildefato.com.br/2022/07/23/eua-sancoes-e-petroleo-o-que-falta-para-governo-e-oposicao-da-venezuela-retomarem-dialogos>.
- BBC News (2009). *Evo Morales expulsa diplomata americano da Bolívia*. [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/03/090309\\_bolivia\\_diplomata\\_eua\\_cq](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/03/090309_bolivia_diplomata_eua_cq)
- BBC News (2013). *EUA espionaram Petrobras, dizem papeis vazados por Snowden*. [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/09/130908\\_eua\\_snowden\\_petrobras\\_dilma\\_mm](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/09/130908_eua_snowden_petrobras_dilma_mm).
- BBC News. (2021). *STF confirma anulação de condenações da Lava Jato contra Lula — entenda*. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56768338>
- BBC News (2019). *A cronologia da crise que levou à renúncia de Evo Morales na Bolívia*. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50367271>.
- Capelán, J. (2019) Una economía creativa, emprendedora y victoriosa para derrotar el golpe de estado. In: *AGJ - Alliance For Global Justice. Nicaragua 2018: ¿levantamiento popular o golpe de Estado?* 276-277.
- Carvalho, D. V. (2019). *Na rota das contra-revoluções “coloridas”*. [https://resistir.info/v\\_carvalho/c\\_revolucoes\\_coloridas.html](https://resistir.info/v_carvalho/c_revolucoes_coloridas.html)
- Delgado, Y. (2019). La otra Nicaragua. *Tensões Mundiais*, 15(28), 299-324.
- Domingues, J. M. (2016). *O referendo constitucional boliviano de 2016: derrota de Evo ou vitória da democracia?*. <https://cee.fiocruz.br/?q=node/117>.
- Engdahls, F. W. (2016). *Washington Tries to Break BRICS – Rape of Brazil Begins*. <http://www.informationclearinghouse.info/article45561.htm>
- Endahl, F. W. (2020). A Revolução Colorida da própria América. *Dossier Sul*. <https://dossiersul.com.br/a-revolucao-colorida-da-propria-america-william-engdahl/>
- Engdahl, F. W. (2009). *Full Spectrum Dominance: Totalitarian Democracy. In The New World Order*. Edition Engdahl Wiesbaden.
- Escobar (2016). *O Brasil no epicentro da Guerra Híbrida*. <https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/o-brasil-no-epicentro-da-guerra-hibrida/>
- Estadão (2019). *‘A verdade real do atentado sofrido pelo presidente’*. <https://www.youtube.com/watch?v=ZVZknyhRtWQ>
- Estrada, G.; Bourcier, N. (2021). *Leia a íntegra da reportagem que demonstra como Moro quebrou o Brasil e trabalhou para os Estados Unidos*. <https://www.brasil247.com/midia/leia-a-integra-da-reportagem-que-demonstra-como-moro-quebrou-o-brasil-e-trabalhou-para-os-estados-unidos>
- Fagundes, G. K. (2020). *A tentativa de Golpe de Estado na Nicarágua em 2018* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
- Fairbanks, C. (2004). Georgia's Rose Revolution. *Journal of Democracy*, Abril, 110-124.
- Fernandes, R. M. S. (2019). O grupo Globo e as suas narrativas para o golpe: relações entre práticas de classe, cena política e os protestos de março de 2016. *Almanaque de Ciência Política*, 3(2), 1-25.
- Fernandes, R. M. S. (2019b). O programa de investimento em logística (pil) e o fim da frente neodesenvolvimentista (o acontecimento): atravessamentos, relações de produção, condensação (luta de classes) e a logística. *OBSERVATORIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA*, 2, 01-31.
- Fernandes, R. M. S. (2022) “Revoluções Coloridas”: “gritos” para as câmeras, hashtag alegria alegria, das “sombras” golpeamos a democracia. *Research, Society And Development*, 10, 01-25.
- Fidelis, F.; Lopes, F. M. E. (2015). Jornadas de Junho de 2013: formas de mobilização online e a ação de ativistas em Brasília por meio do Facebook. *Universitas: Arquitetura e Comunicação Social*, 12(1), 37-56.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. (6a ed.). Atlas.
- Gilberto (2019). *A Fraude Da Facada No Presidente*. <https://www.youtube.com/watch?v=UcXsFTVXHXM>
- Gonzalez, A. (2018). Ortega es un peligro para el país. *La Prensa*. <https://www.laprensa.com.ni/2018/05/20/suplemento/la-prensa-domingo/2422143-felix-maradiaga-director-del-icepp-ortega-es-un-peligro-para-el-pais>.
- G1 (2021). *Plenário do STF reconhece decisão da Segunda Turma que declarou Moro parcial ao condenar Lula*. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/23/plenario-do-stf-reconhece-decisao-da-segunda-turma-que-declarou-moro-parcial-ao-condenar-lula.ghtml>.
- Hendrix, E. (2018). Monopolio de la Muerte - o de cómo inflar una lista de muertos contra un Gobierno. *Tortilla con Sal*. <http://tortillaconsal.com/tortilla/node/3478>.

- Hoyt, K. (2009). *Report From a Fact-Finding Trip to Nicaragua: Anti-Poverty Programs Make a Difference*. NACLA. <https://nacla.org/node/6313>.
- Lárcom, B. (2019). Mito y realidad: ¿qué pasó en Nicaragua en 2018? In: *AGJ - Alliance For Global Justice. Nicaragua 2018: ¿levantamiento popular o golpe de Estado?*
- Marconi, M.; & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica* (5a ed.). Atlas.
- Maya, R. (2019). Brasil, Bolívia e a coca: dois “Narco-Golpes”? É o pó, estúpido! <https://duploexpresso.com/?p=109068>
- Maya, R. (2019) Geopolítica da droga, os EUA e os golpes na América Latina. <https://duploexpresso.com/?p=104505>
- Neuenfeld, M. E. (2021). *Estratégia Nacional e Poder Cibernético: o ressurgimento da Rússia no cenário internacional* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Santa Catarina.
- Leimer, P. C. (2020). *O Brasil no espectro de uma guerra híbrida: militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica*. Alameda.
- Lemos, A. (2004). *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Sulina.
- Ortega, F. A. (2009). *As Revoluções Coloridas e seus reflexos em política externa*. (Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais). PPG-RI San Tiago Dantas.
- Penido, A.; & Stédile, M. E. (2021). *Ninguém regula a América: guerras híbridas e intervenções estadunidenses na América Latina* (1a.ed.). Fundação Rosa Luxemburgo : Expressão Popular.
- Molina, F. (2017). *Evo Morales consegue liberação na Justiça para se candidatar ao quarto mandato*. [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/29/internacional/1511917821\\_762144.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/29/internacional/1511917821_762144.html).
- Nicarágua. Golpe de Estado (2018). *UNAN Delinquents Stage an Attack*. <https://www.youtube.com/watch?v=Vb72PP4Td9E>.
- Pereira, C. (2014). Ucrânia: Crônica de Uma Crise Anunciada. *Revista de Ciências Militares*, 2, 337-359.
- Perla, H.; & Cruz-Feliciani, H. (2013). The Twenty-first-Century Left in El Salvador and Nicaragua Understanding Apparent Contradictions and Criticisms. *Latin American Perspectives*, 40(3), 87-88.
- Proner, C. (2016). *Resistência ao Golpe de 2016*. Editora: Canal 6.
- Poder 360 (2020). *EUA oferecem recompensa de US\$ 15 milhões pela prisão de Maduro*. <https://www.poder360.com.br/internacional/eua-oferecem-recompensa-de-us-15-milhoes-pela-prisao-de-maduro-dw/>.
- Ratchford III, J. T. (2017). Policing in Partnership: Nicaraguan Policies with Implications for U.S. Police Forces. In: *Emory International Law Review*, 32. <http://law.emory.edu/eilr/content/volume-32/issue-1/comments/policing-partnership-nicaraguan-us-police-forces.html>.
- Rede TVT (2020). *Morales sofreu golpe na Bolívia por nacionalizar lítio cobijado por bilionário dos EUA*. <https://www.youtube.com/watch?v=m0C6ze3mtPg>.
- Rede Brasil Atual (2013). *Evo Morales expulsa órgão dos EUA acusado de interferência*. <https://www.redebrasilatual.com.br/mundo/2013/05/morales-expulsa-orgao-dos-eua-acusado-de-interferencia/>
- Rossini, P. G. C. (2014). Das redes para as ruas: mídias sociais como novas “armas” na luta por reconhecimento?. *C&S – São Bernardo do Campo*, 36(1), 301-325.
- Rodrigues, E. B. (2017). A sentença contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva: mais um trágico capítulo do golpe de 2016. In: Proner, C. et al. (Org.) *Comentários a uma sentença anunciada: o processo Lula*. Bauru: Canal 6.
- Ribeiro, D. C.; & Costa, V. C. R. S. (2017) Uma prisão nada conveniente. In: Proner, C. et al. (Org.) *Comentários a uma sentença anunciada: o processo Lula*. Bauru: Canal 6.
- Sefton, S. (2018). Nicaragua varieties of bad faith. *Tortilla con Sal*. <http://tortillaconsal.com/tortilla/node/3847>.
- Sharp, G. (2010). *Da ditadura à Democracia. Uma Estrutura Conceitual para a Libertação*. East Boston: The Albert Einstein Institution.
- Sharp, G. (2010). *There Are Realistic Alternatives*. Albert Einstein Institution.
- Silva, F. P. (2018). O Fim da Onda Rosa e o Neogolpismo na América Latina. *Revista Sul-Americana de Ciência Política*, 4(2), 165-178.
- Santoró, A. E. R. (2017). Do Levantamento do sigilo das interceptações telefônicas à perda da imparcialidade objetiva. In: Proner, C. et al. (Org.) *Comentários a uma sentença anunciada: o processo Lula*. Canal 6.
- Souza, J. (2020). *A guerra contra o Brasil: como os EUA se uniram a uma organização criminosa para destruir o sonho brasileiro*. Estação Brasil.
- Somarriva, M. (2019). *¿Están Vivos!: Ciudadanos que fueron circulados como fallecidos desmienten noticias falsas y manipulación en redes sociales. El 19 Digital*. <https://www.el19digital.com/articulos/ver/titulo:76613-estan-vivos-ciudadanos-que-fueron-circulados-como-fallecidos-desmienten-noticias-falsas-y-manipulacion-en-redes-sociales>.

Sussman, G. & Krader, S. (2008). Template Revolutions: Marketing U.S. Regime Change in Eastern Europe. *Westminster Papers in Communication and Culture*, 5 (3), 91–112.

Stone. (2016). *Ucrânia em chamas*. <https://www.youtube.com/watch?v=7Rkt94LhReY&t=3108s>.

Trucchi, G. (2018). *Nicaragua: Cuando las mentiras ganan y se convierten en realidad*. Tercera Información. <https://www.tercerainformacion.es/articulo/internacional/2018/06/05/nicaragua-cuando-las-mentiras-ganan-y-seconvierten-en-realidad-aceptada>.

Tv 247 (2021) *Joaquim de Carvalho fala sobre o documentário da fakeada e os jornalistas que o atacam*. <https://www.youtube.com/watch?v=seYU2TzCmL0>

Korybko, A. (2015). *Guerras híbridas, das revoluções coloridas aos golpes*. 2018. Editora Expressão Popular.

Korybko, A. (2017). 21ST-CENTURY GEOPOLITICS OF CENTRAL AMERICA: GRAND STRATEGY. *Geopolitica*. <https://www.geopolitica.ru/en/article/21st-century-geopolitics-central-america-grand-strategy>.

Kuzio, T. (2005). *Ukraine's 2004 Presidential Election. The Orange Revolution*. [https://ciaotest.cc.columbia.edu/olj/et/et\\_v12n4/et\\_v12n4\\_003.pdf](https://ciaotest.cc.columbia.edu/olj/et/et_v12n4/et_v12n4_003.pdf)

Veja (2013). *Evo Morales expulsa agência americana por 'interferência'*. <https://veja.abril.com.br/mundo/evo-morales-expulsa-agencia-americana-por-interferencia/>

Vitullo, G. E.; Silva, F. P (2020). O que a Ciência Política (não) tem a dizer sobre o Neogolpismo Latino-Americano?. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, 14(2), 27-66.

Zeese, K; Mccune, N. (2018) *¿Qué pasa realmente en Nicaragua?* <https://www.tercerainformacion.es/opinion/opinion/2018/07/24/que-pasarealmente-en-nicar>

180 Grados (2019). *Claves de la Verdad/Capítulo I: Incendio en el Barrio Carlos Marx*. <https://www.youtube.com/watch?v=PBCy9rukNYk&t=64s>>. Acesso em: 4/12

<sup>1</sup> É preciso destacar que a Rússia, no século XXI, também utiliza estratégias de Guerra Híbrida; os russos fazem uso de forte componente informacional e cibernético, utilizam-se da pressão diplomática e econômica e lançam mão de suas capacidades militares convencionais (Neuenfeld, 2021). A título de exemplo, a ofensiva militar russa na Ucrânia em 2022 é parte de suas operações de Guerra Híbrida; a “operação militar especial” lançada por Vladimir Putin foi antecedida por etapas de operações psicológicas (PsyOPs) e cibernéticas e ações indiretas de dissuasão com métodos militares e não militares; logo após o golpe de Estado que derrubou presidente Yanukovich em 2013/2014. No entanto, neste debate, o escopo é demonstrar as técnicas e estratégias da escola de Guerra Híbrida estadunidense.

<sup>2</sup> A *Otpor* (que significa “resistência”) foi o grupo que liderou e organizou as manifestações de rua contra o governo de Milosević, foram os agente públicos do processo, o ator que ficou nas “sombras” foi os Estados Unidos; a *Otpor* foi treinada por Robert Helvey, coronel do Exército estadunidense e analista da Defense Intelligence Agency, os cursos capacitaram as lideranças da *Otpor* com as técnicas de ação não-violenta (Engdahl, 2009), bem como, a organização foi na ocasião financiada Fundação Nacional para a Democracia (National Endowment for Democracy – NED). Ademais, a *Otpor* treinou e treina diversos grupos com o objetivo de causar distúrbios contra governos alvos, ela foi a responsável pela formação dos movimentos que eclodiram nos episódios conhecidos como “Primavera árabe”; trata-se de um tenente na rede internacional por trás das revoluções coloridas, é o agente que treina e aparece para as câmeras, a falsa liderança; o núcleo que de fato comanda o processo, geralmente, não aparece (Fernandes, 2022).

<sup>3</sup> Estas são utilizadas para internacionalizar o processo e para recrutar simpatizantes (como mercenários, grupos terroristas) e para atrair o financiamento internacional público (o financiamento “secreto” vem do governo que articulou e pôs em prática a operação), ademais, servem para criar as narrativas para intervenção das forças convencionais. As notícias falsas são possíveis porque na fase incipiente a rede operacional de informação foi montada

<sup>4</sup> A Operação Lava Jato é o nome dado ao conjunto de investigações conduzidas pela Polícia Federal e Ministério Público Federal para apurar crimes de corrupção ativa e passiva no Brasil gestão fraudulenta, lavagem de dinheiro, organização criminosa, obstrução da justiça, operação fraudulenta de câmbio e recebimento de vantagem indevida. Em decorrência da Lava Jato foram descobertos diversos esquemas de corrupção envolvendo grandes empreiteiras nacionais, empregados públicos da Petrobras, operadores financeiros e membros dos principais partidos políticos do país. As investigações foram iniciadas em 17 de março de 2014 e interferiram diretamente na política partidária brasileira, influenciando, em especial, as eleições para presidente no ano de 2018. É no âmbito da operação Lava Jato que o Juiz Sérgio Moro apareceu no cenário nacional.

<sup>5</sup> Os documentos vazados por Snowden revelaram que a inteligência estadunidense monitorava mensagens de e-mails, telefonemas, skype e qualquer outro tipo de informação; os acessos em redes sociais e na internet estavam sendo grampeados, etc., as denúncias demonstravam que o serviço secreto americano estava invadindo a privacidade e ferindo liberdades individuais de lideranças e de cidadãos em diversas partes do mundo, houve grande mal estar diplomático na relação entre diversos países e Estados Unidos, sobretudo, com o Brasil (BBC News, 2013)..

<sup>6</sup> Leirner (2020) explica que um setor das forças armadas que não participava do projeto, passou a conduzir os trabalhos, bem como os grupos empresariais vinculados ao PT que tinham participação na construção do submarino foram retirados das operações.

<sup>7</sup> Em decorrência da falsa tese jurídica passamos a denominar o *impeachment* da presidenta Dilma de “impeachment político” (Fernandes, 2019), ademais pensamos que se trata de um dos episódios da Guerra Híbrida brasileira, o “impeachment político” não foi o golpe que mudou o regime, mas o “meio do caminho”, foi a ferramenta para criar um discurso de criminalização do PT e do ex-presidente Lula, bem como foi o processo que levou a sua prisão e abriu caminho para a vitória de Bolsonaro nas eleições de 2018.

<sup>8</sup> As suas emissoras de televisão (aberta e fechada) convocavam com antecedência os telespectadores, no dia dos protestos ficavam de plantão passando informações sobre possibilidades de acesso aos lugares dos atos, sobre quantidade de pessoas presentes, demonstravam o comportamento dos manifestantes, passavam o dia todo convocando a população para protestar contra o Governo; no dia da votação do *impeachment*, marcada para um domingo, alterou a grade de programação para acompanhar ao vivo o “impeachment político”, sem comentar aos telespectadores que a tese de acusação era falsa. A ação da Globo News e a TV GLOBO (canal aberto) foi contundente contra o governo Dilma a partir de 2015. Maiores detalhes em Gobbo (2016).

<sup>9</sup> O GSI perdeu o *status* de ministério no segundo mandato de Dilma Rousseff, via decreto a presidenta colocou o Gabinete como órgão subordinado ao Ministro da Casa Civil; depois do *impeachment* e logo assunção de Michel Temer, o GSI recuperou sua posição de ministério e passou a ser uma espécie de órgão regulador das ações de governo, todas as intenções do governo são reportadas ao General Heleno.

<sup>10</sup> Segundo Romulus Maya, o DEA e o Mossad têm participação no tráfico internacional de cocaína, financiam suas operações secretas com o tráfico internacional de drogas (Maya, 2019).

<sup>11</sup> Na nossa opinião, Elon Musk é um “garoto propaganda”, um personagem que está sendo projetado para disseminar a ideologia neoliberal (assim como foi Steve Jobs e outros), que difama a participação do Estado no desenvolvimento e que afirma que o mercado é o caminho.

<sup>12</sup> Os Estado Unidos ensaiaram um diálogo com o governo Maduro em 2022, os estadunidenses estão sofrendo as consequências de uma crise energética por conta da guerra na Ucrânia, o que explica a reaproximação.

<sup>13</sup> Dia 18 de abril de 2018.

<sup>14</sup> No idioma original: “The big lie of Nicaragua’s opposition is that they have been peaceful victims of government repression to which they falsely attribute all the deaths during the crisis. Western media and NGOS continue to spread that lie omitting incontrovertible facts to the contrary. Amnesty International falsely claims the government has applied a shoot-to-kill policy, citing, for example, the deaths of 7 people on May 30 th which their staff claim to have witnessed. They omit that 20 police officers suffered gunshot wounds in that same series of events. Neither they nor anyone else has reliably established who the gunmen really were”.

<sup>15</sup> No idioma original: “La Alianza Cívica por la Justicia y la Democracia de la oposición tiene como figuras clave a: José Adán Aguirre, líder del lobby empresarial privado; María Nelly Rivas, directora de Cargill en Nicaragua y directora de la Cámara de Comercio Estados Unidos-Nicaragua; estudiantes de universidades privadas del Movimiento 19 de abril; Michael Healy, gerente de una empresa azucarera colombiana y jefe del lobby de los agronegocios; Juan Sebastián Chamorro, que representa a la oligarquía disfrazada de sociedad civil; Carlos Tunnermann, de 85 años, ex ministro sandinista y ex Rector de la Universidad Nacional; Azalea Solís, directora de una organización feminista financiada por el gobierno de Estados Unidos; y Medardo Mairena, “líder campesino” financiado por el financiado por el Gobierno de Estados Unidos, que vivió 17 años um Costa Rica antes de ser deportado um 2017 por tráfico de personas. Tunnermann, Solís y los estudiantes del 19 de abril están asociados um el Movimiento Renovador Sandinista (MRS), um diminuto partido salido del Sandinismo que sin embargo merece especial atención”.

<sup>16</sup> No idioma original: “... fueron la militancia histórica del sandinismo, que muchas veces dejó a um lado contradicciones personales y puso a disposición toda su experiencia organizativa, fuerza moral y consciencia histórica para cambiar la correlación de fuerzas”.